

# VAMOS LAVAR AS MÃOS!

Um Estudo sobre a Aquisição de Hábitos de Higiene em Creche

---

**Daniela Inácio Rema**

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Maio 2017

*Versão Definitiva*

---





INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Provas para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

**VAMOS LAVAR AS MÃOS!**

Um Estudo sobre a Aquisição de Hábitos de Higiene em Creche

Autora: **Daniela Inácio Rema**

Orientadora: **Mestre Ana Paramés**

Maio 2017



## **Agradecimentos**

Antes de mais quero agradecer aos meus pais, Dina e Alberto, por me possibilitarem a realização deste mestrado, que sempre foi o meu sonho. Agradeço também por todo o apoio que me deram, nos melhores e piores momentos, por todas as palavras de encorajamento mesmo quando pensava não conseguir mais, e pelo carinho e amor que demonstram todos os dias.

Em segundo lugar, quero agradecer ao meu namorado, Elton, por me mostrar que sou mais capaz do que aquilo que pensava, e que me fez chegar mais além e conseguir atingir os meus objetivos. Obrigada pelo amor que me dá todos os dias.

Ao meu irmão, João Pedro, por ser um exemplo de coragem, pela sua capacidade de resistência, pela sua amizade e generosidade, e por ser uma das melhores pessoas que tive a sorte de conhecer e orgulho de dizer “é o meu irmão”. Vais ser sempre parte de mim.

Às minhas amigas, Anas, por me ouvirem e me apoiarem sempre que preciso, por estarem lá, por serem as excelentes pessoas que são. Obrigada.

Ao Miguel e à Cláudia, meus velhos amigos, que por mais que não nos vejamos estão sempre no coração.

Às minhas amigas, Andreia e Cláudia, por todos os momentos passados, pelas palavras de apoio, pela amizade que floresceu, pelas experiências que vivemos e pela luta pelos nossos sonhos.

À professora Ana Paramés, pela sua orientação e palavras de encorajamento, por toda a sua ajuda e positivismo, pelo seu exemplo de persistência e empenho, um grande obrigada.

Às educadoras Isabel Baleia e Anabela Moutinho, por todo o conhecimento transmitido, pelo apoio, pelas críticas que me levaram a ser melhor, e por serem um exemplo tanto de profissionalismo como humanismo.

Por último, aos meus meninos! Esses seres pequeninos que me fizeram apaixonar pela profissão que escolhi, pelos sorrisos, pelos abraços, pelas palavras de amor. Sejam sempre verdadeiros e não percam a inocência que vos caracteriza tão bem.

## Resumo

Este estudo foi realizado no âmbito do estágio em creche e centrou-se na aquisição de hábitos de higiene nesse contexto. Considerando que as crianças em idade de creche se encontram numa fase de aquisição de hábitos de higiene, é necessário tornar essa aquisição gratificante e prazerosa para que seja facilitada. No entanto, as crianças em creche ainda dependem bastante do adulto para satisfazer as suas necessidades de higiene e, por isso, o papel do educador é auxiliar a criança e promover uma melhor aquisição dos hábitos de higiene. Assim, surge a questão de investigação “Qual o impacto das atividades práticas na aquisição de hábitos de higiene em creche?”.

Esta investigação focou-se na higienização das mãos, pois trata-se da medida mais simples e eficaz na prevenção de infeções e contágio de doenças, visto que as crianças pequenas tocam em tudo o que estiver ao seu alcance, é uma medida de promoção de saúde que deve ser explorada também em contexto de creche.

A investigação teve por base uma intervenção, na qual foram realizadas atividades sobre lavagem das mãos com um grupo de crianças com idades compreendidas entre um e dois anos, de modo a verificar se essas atividades provocariam algum impacto na aquisição de hábitos de higiene pelas crianças.

Em relação à abordagem metodológica, este estudo consiste numa investigação-ação. Participaram no estudo onze crianças com idades entre os 12 e os 23 meses, assim como a estagiária, a educadora titular da sala e oito pais. Os dados foram recolhidos através de uma entrevista à educadora titular, para perceber como a mesma abordava os hábitos de higiene com o grupo, notas de campo, elaboradas durante a intervenção e um inquérito por questionário aos pais, para perceber a evolução das crianças depois da realização das atividades.

Depois de realizada a análise dos dados foi possível observar alguns resultados. A maioria das crianças, embora ainda não sejam autónomas na lavagem das mãos, por vezes imitam o adulto na lavagem das mãos ou pedem ajuda para o realizar. O impacto das atividades foi maior nas crianças a partir de um ano e meio, dado que as mesmas pediam para lavar as mãos quando observavam sujidade visível.

**Palavras-chave:** creche, hábitos de higiene, saúde, lavagem das mãos, atividades práticas.



## ***Abstract***

*This study was part of the daycare internship and focused on the acquisition of hygiene habits in this context. Considering that daycare children are in the process of acquiring hygienic habits, in order to facilitate this, it is necessary to make it rewarding and enjoyable. However, daycare children still depend on the adult to satisfy their hygiene needs, so, the role of the educator is to promote a better acquirement of hygiene habits. Therefore, the research question was defined as “What is the impact of practical activities on the acquisition of hygiene habits in daycare?”.*

*This research focused on hand hygiene, as it is the simplest and most effective measure to prevent infections and disease contagion, since young children touch anything that is within their reach, it is a measure of health promotion that should be explored also in the daycare context.*

*The research was based on an intervention, in which handwashing activities were carried out with a group of children between one and two years of age, in order to verify if these activities would have any impact on children's acquisition of hygiene habits.*

*Thus, this is an action research, whose participants were eleven children between the ages of twelve and twenty-three months, as well as the trainee, the daycare educator and eight parents. The data was collected through an interview with the daycare educator, to understand how she approached the hygiene habits with the group, field notes, elaborated during the intervention, and a questionnaire survey to the parents, to understand the evolution of the children after the activities.*

*After analyzing the data, it was possible to observe some results. Most children, although not yet autonomous in handwashing, sometimes mimic the adult in handwashing or ask for help in carrying it out. The impact of the activities was superior in children from a year and a half, since they asked to wash their hands when they observed visible dirt.*

***Keywords:*** *daycare, hygiene habits, health, handwashing, practical activities.*



## Índice

Agradecimentos .....	i
Resumo .....	iii
<i>Abstract</i> .....	v
Índice de Figuras .....	ix
Índice de Quadros.....	xi
Índice de Tabelas .....	xiii
Índice de Gráficos.....	xv
INTRODUÇÃO.....	1
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	3
1.1. Saúde e hábitos de higiene.....	3
1.2. O papel da escola na promoção da saúde.....	6
1.3. A importância das rotinas na aprendizagem das crianças e na aquisição de hábitos de higiene .....	8
2. PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA.....	11
2.1. Problema, questões de investigação e objetivos .....	11
2.2. Abordagem e design do estudo .....	13
2.3. Participantes .....	14
2.4. Recolha de dados .....	15
2.4.1. Instrumentos .....	17
2.4.2. Procedimentos .....	19
2.4.3. Intervenção .....	20
2.5. Tratamento e análise de dados .....	23
3. RESULTADOS.....	25
3.1. Entrevista .....	25
3.2. Intervenção e Notas de Campo .....	27
3.3. Questionário.....	29

3.4. Discussão dos Resultados .....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	43
ANEXOS .....	47
Anexo A – Guião da Entrevista.....	49
Anexo B – Questionário aos pais .....	53
Anexo B – Plano do Questionário .....	57
Anexo D – Procedimentos da Atividade 2 .....	61
Anexo E – Grelha de Observação da atividade 2 .....	65
Anexo F – Transcrição da Entrevista .....	69
Anexo G – Dicionário de Categorias.....	77
Anexo H – Relatório Diário 22/11/2016 .....	83
Anexo I – Nota de Campo nº1 03/01/2017.....	87
Anexo J – Nota de Campo nº2 09/01/2017 .....	91
Anexo K – Nota de Campo nº3 11/01/2017 .....	95
Anexo L – Nota de Campo nº4 18/01/2017 .....	99
Anexo M – Nota de Campo nº5 23/01/2017 .....	103
Anexo N – Nota de Campo nº6 24/01/2017 .....	107
Anexo O - Gráfico 1 – Idade dos pais .....	111
Anexo P - Gráfico 2 – Habilitações Literárias dos pais .....	115
Anexo Q – Gráfico 3 - Lavagem das mãos depois da ida à casa de banho .....	119
Anexo R – Gráfico 5 - Lavagem das mãos depois das refeições .....	123

## Índice de Figuras

<b>Figura 1</b> – Desenho do estudo.....	16
<b>Figura 2</b> – Atividade 2: decalque das mãos, antes e depois da lavagem.....	23
<b>Figura 3</b> – Atividade 3: vestuário de inverno.....	24



## **Índice de Quadros**

<b>Quadro 1 – Cronograma do estudo.....</b>	<b>19</b>
---	-----------



## **Índice de Tabelas**

<b>Tabela 1</b> – Resultados da Análise de Conteúdo.....	28
<b>Tabela 2</b> – Idade das crianças.....	32



## Índice de Gráficos

<b>Gráfico 4</b> – Lavagem das mãos antes das refeições.....	32
<b>Gráfico 6</b> – Lavagem das mãos quando se encontram sujas.....	33
<b>Gráfico 7</b> – Frequência com que a criança lava as mãos, imitando o adulto.....	34
<b>Gráfico 8</b> – Frequência com que a criança pede ajuda ao adulto para lavar as mãos.....	34
<b>Gráfico 9</b> – Frequência com que é necessário chamar a atenção da criança para a lavagem das mãos.....	35
<b>Gráfico 10</b> – Frequência com que a criança lava as mãos espontaneamente.....	35
<b>Gráfico 11</b> – Frequência com que a criança lava as mãos sozinha.....	36



## INTRODUÇÃO

O presente estudo surgiu no âmbito do estágio em creche integrado no Mestrado em Educação Pré-Escolar, e consiste numa investigação-ação, de carácter qualitativo, integrada numa perspetiva interpretativa.

A temática do estudo aborda a aquisição de hábitos de higiene e, em particular, a higienização das mãos. A motivação para a escolha deste tema surgiu depois de refletir sobre o facto de as crianças pequenas tocarem em tudo com as mãos, levando-as à boca, nariz e olhos, e à importância da prevenção de doenças em crianças pequenas. As crianças exploram tudo ao seu redor, tocam noutras crianças, assim como nos adultos, e, os contágios multiplicam-se facilmente. A Direção-Geral da Saúde dá uma especial atenção a este assunto, no seu *microsite* do Departamento de Qualidade na Saúde (2017), no qual se afirma:

A higiene das mãos é uma das medidas mais simples e mais efetivas na redução das infeções associadas aos cuidados de saúde (...) a higiene das mãos integrada no conjunto das Precauções Básicas, constitui a medida mais relevante na prevenção e o controlo da infeção. É também considerada uma medida com impacto no controlo das resistências aos antibióticos.

No entanto, durante a observação no estágio verificou-se que não existia rotina de lavagem das mãos antes do almoço, apenas depois, e que esta temática não era trabalhada intencionalmente com as crianças. Por isso, colocou-se o desafio de verificar se ao realizar atividades práticas sobre higienização das mãos, estas provocavam algum impacto no progresso das crianças em relação à aquisição de hábitos de higiene, tendo em conta que são muito pequenas, encontrando-se na faixa etária de um ano. Assim surgiu a questão geral de investigação – “Qual o impacto das atividades práticas na aquisição de hábitos de higiene em creche?”.

Apesar de existirem programas e documentos que apoiam e promovem a saúde escolar (Programa Nacional de Saúde Escolar, 2015; Declaração de Vilnius, 2009; Campanha Nacional de Higiene das Mãos, 2017) sente-se a necessidade de um documento direcionado especificamente para a valência de creche que, não só incentive e clarifique a importância e necessidade dos hábitos de higiene em crianças muito pequenas, como também refira linhas orientadoras para que os educadores desenvolvam

a sua prática pedagógica neste sentido. Os documentos existentes sobre a creche referem-se, sobretudo à higiene das instalações e não à importância dos hábitos de higiene das crianças. Por isso, surgiu a necessidade de recorrer a documentos relacionados com a saúde, assim como com o desenvolvimento das crianças pequenas para a elaboração, tanto das atividades a desenvolver como da revisão de literatura.

Para a realização das atividades foram tidas em conta as idades das crianças e, por isso, as atividades tiveram um caráter exploratório, utilizando a música e artes visuais como meio de atingir os objetivos propostos e foi utilizado o princípio da aprendizagem ativa, sendo a criança o centro da sua própria aprendizagem (Post & Hohmann, 2011). Neste caso, de modo a aprender como se lavam as mãos, a melhor forma é realizando essa mesma ação.

Este estudo encontra-se dividido em quatro grandes capítulos. O primeiro capítulo refere-se ao enquadramento teórico, onde é realizada uma revisão de literatura existente sobre o tema e se apresentam as bases de fundamentação para a investigação. Assim, aborda-se a importância dos hábitos de higiene, e em particular o hábito de lavar as mãos, na promoção e educação para a saúde, assim como o papel da escola na promoção da saúde e qual a pertinência deste tema tanto para as crianças pequenas como para todos os alunos e para o pessoal docente e não docente. Por último, é referida a importância das rotinas na aprendizagem das crianças e na aquisição de hábitos de higiene. No segundo capítulo é apresentada a metodologia utilizada na investigação, assim como o problema, as questões de investigação e objetivos do estudo, a abordagem, o design do estudo, os participantes, os instrumentos de recolha de dados, a intervenção desenvolvida em contexto de creche, os procedimentos realizados e a forma de tratamento e análise de dados. No terceiro capítulo são apresentados e analisados os resultados, tanto da entrevista, como da intervenção e notas de campo e também dos questionários, assim como é realizada a discussão dos mesmos, cruzando a informação obtida de modo a retirar conclusões. Finalmente, no último capítulo, são apresentadas as considerações finais.

# 1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo, inicialmente refere-se a importância da saúde e dos hábitos de higiene para a vida de todas as pessoas, de seguida é abordado o papel da escola na promoção da saúde e, por fim, é referida a importância das rotinas na aprendizagem das crianças e na aquisição de hábitos de higiene.

## 1.1. Saúde e hábitos de higiene

A higiene é essencial para a saúde individual e coletiva das crianças, seja qual for o seu contexto de vida, assim, a criação deste hábito promove e leva à preservação de uma boa higiene, entendida “como um conjunto de meios para atingir o equilíbrio na saúde” (Costa, 1995, citado por Esteves & Anastácio, s.d.). A DGS (2015) refere que a higiene é fundamental para a saúde, o bem-estar, a qualidade de vida e a convivência social, sendo compreendida como um conjunto de cuidados que promovem estes mesmos aspetos, assim como melhoram a autoestima dos indivíduos. González (2009) refere também o conceito de higiene infantil como a compreensão, estudo e planificação de medidas que promovem e conservam a saúde, prevenindo as doenças infantis, e em que o sujeito é passivo e dependente nesta etapa evolutiva.

Sendo que a higiene tem impacto na vida de qualquer indivíduo, torna-se necessária a promoção da saúde em qualquer contexto. A promoção da saúde é definida na Carta de Ottawa (1986) como sendo um processo que pretende desenvolver a capacidade dos indivíduos, assim como das comunidades, para controlarem a sua saúde, melhorando-a. Tendo em conta que para atingir o bem estar físico, psicológico e social é necessário que os indivíduos sejam capazes de satisfazer as suas necessidades, identificar e realizar as suas aspirações e adaptar-se ao meio que os envolve. Ainda na Carta de Ottawa é possível ler que “a saúde é entendida como um recurso para a vida e não como uma finalidade de vida”, sendo que existe uma diferença entre saúde e promoção da saúde; a primeira consiste na acentuação dos recursos sociais, pessoais, assim como das capacidades físicas; a segunda não é de exclusiva responsabilidade do setor da saúde devido a exigir a escolha de estilos de vida saudáveis de modo a alcançar o bem-estar. Segundo a Organização Mundial da Saúde (1986) é necessária a existência de certas condições e requisitos para que exista saúde. Estas condições são paz, abrigo, educação,

alimentação, recursos económicos, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade. Ao serem satisfeitas estas condições básicas a melhoria da saúde irá suceder.

Os hábitos de higiene englobam diversos aspetos, como a higiene corporal, a higiene oral, ou higiene coletiva. Sendo assim, foi destacada a higienização das mãos como foco deste estudo, visto que as mãos são o principal meio de contaminação bacteriana (Militão, 2011), assim como de transmissão de germes, que podem contaminar o homem com doenças, constipações, gripes ou diarreias (Associação Nacional de Controlo de Infeção, 2015). Sendo que as mãos e o toque são o principal meio, tanto de locomoção (gatinhar) como de exploração e aprendizagem em crianças em idade de creche, deve-se ter em atenção que as crianças necessitam de uma higiene cuidada, principalmente das mãos, para evitar que contraiam alguma doença, ou mesmo de uma simples (ou não) constipação.

É então importante referir quando é que a higienização das mãos deve ser realizada, dado que se trata de uma rotina. Deve ser interiorizada pelos adultos e ensinada às crianças pequenas, para que se torne um hábito. Lavar as mãos demora apenas 60 segundos e, devem ser bem lavadas a palma das mãos, as costas das mãos e entre os dedos. As mãos devem ser lavadas antes de comer ou manusear alimentos, após a ida à casa de banho, após assoar o nariz, tossir ou espirrar, após tocar em animais, sempre que estejam visivelmente sujas, ou após tocar em alguém doente ou numa ferida (Associação Nacional de Controlo de Infeção, 2015).

De acordo com Esteves e Anastácio (s.d.), as crianças devem lavar as mãos antes e depois das refeições, antes e depois do uso da casa de banho e em qualquer circunstância em que as mesmas se encontrem sujas. As mãos devem ser lavadas diversas vezes ao dia e secas cuidadosamente.

Para salientar a importância e necessidade da lavagem das mãos foi criada em 2001 a Parceria Global da Lavagem das Mãos (The Global Handwashing Partnership), composta por membros de diversas organizações não governamentais, companhias do setor privado e instituições académicas. Esta parceria internacional pretende promover a lavagem das mãos com sabão e reconhece a higiene como um pilar de desenvolvimento internacional e saúde pública. Os principais países onde esta parceria desenvolve a sua ação são África, Ásia e América Latina.

E porquê lavar as mãos com sabão? A Parceria Global da Lavagem das Mãos (2015) refere que todos os anos 1.7 milhões de crianças falecem antes de completar os 5 anos devido a diarreia e pneumonia; lavar as mãos com sabão é a medida mais eficaz, de baixo custo e preventiva destas doenças, é também considerada uma medida de controlo das resistências aos antibióticos (Direção-Geral da Saúde, 2017).

A higienização das mãos tem impacto, não apenas na saúde e nutrição, mas na educação, economia e equidade, tal como é referido pelo programa The Global Handwashing Partnership.

Na saúde, como já foi referido, porque contribui para prevenir infeções provocadas por bactérias e vírus, assim como a contaminação de pessoa para pessoa. Por isso é tão importante lavar as mãos, particularmente depois do contacto com matéria fecal, depois de uma ida à casa de banho ou da mudança de uma fralda, pois as fezes de uma criança são especialmente patogénicas.

Em relação à nutrição, pois caso a pessoa esteja infetada por bactérias ou vírus causadores de doenças, através das suas mãos pode atingir o seu estômago ou intestinos e danificar a capacidade do corpo processar e usar os nutrientes presentes nos alimentos. Por exemplo, as bactérias e vírus presentes na matéria fecal causam diarreia, e quando uma criança sofre de diarreia, normalmente tende a ingerir menos alimentos e pode apresentar uma má absorção dos nutrientes, o que contribui para a sua subnutrição e consequentemente, deixa a criança mais suscetível à contração de diarreia, tornando-se assim um ciclo.

Na economia, pois a lavagem das mãos tem um custo bastante mais baixo do que outras intervenções de saúde pública, intervenções essas que podem ser evitadas se existir uma boa higienização das mãos, pois as infeções associadas aos cuidados de saúde podem ser bastante dispendiosas para os indivíduos, os sistemas de saúde e os países.

Na educação, tendo em conta que uma saúde fragilizada não atinge a criança apenas fisicamente, mas cognitivamente, o que prejudica o seu desempenho escolar e aprendizagens, e, ao mesmo tempo, muitas crianças são obrigadas a ausentar-se das aulas devido a doenças. Uma pequena ação pode ajudar a reduzir o absentismo e promover o sucesso escolar de milhares de crianças.

Esta organização internacional refere ainda o impacto na equidade. As condições socioeconómicas diferem em grande medida, de tal modo que as classes mais pobres, as populações localizadas em meios rurais ou com uma educação de um nível menor, têm menos acesso a estas instalações para higienização das mãos com boas condições do que as classes mais altas ou as zonas urbanas, o que faz com que a desigualdade seja maior, o que contribui para a desigualdade na saúde global, nutrição, educação e economia.

Desta forma, foi criado, em 2008, o Dia Global da Lavagem das Mãos (The Global Handwashing Day), celebrado a 15 de Outubro, com os objetivos de fomentar e apoiar a cultura global e local da lavagem das mãos com sabão, consciencializar a população sobre os benefícios da higienização das mãos com sabão e compreender a importância que é atribuída ao ato de lavar das mãos em todo o mundo. Desde 2008, esta comunidade construiu lavatórios, torneiras e demonstrou a simplicidade e valor da higienização das mãos, sendo que todos os anos mais de 200 milhões de pessoas estão envolvidas nesta celebração, incluindo crianças.

Em Portugal, pode não se considerar imprescindível uma intervenção deste tipo, no entanto, a importância da promoção deste hábito de higiene e as suas consequências para a saúde observam-se em intervenções como a proposta da Organização Mundial da Saúde que criou o 1º desafio *Clean Care is Safer Care*, da *World Alliance for Patient Safety*. Portugal aderiu ao desafio em 2008, com o objetivo de promover a higiene das mãos em todos os hospitais, mundial e nacionalmente. Esta estratégia de higiene das mãos demonstrou sucesso na redução de infeções relacionadas com os cuidados de saúde. A adesão e cumprimento da estratégia para a melhoria da higiene das mãos nos locais de saúde revelam um crescente interesse e preocupação dos profissionais de saúde, em Portugal, na segurança e melhoria da qualidade da prestação de cuidados. Torna também visível a importância e essencialidade da higienização das mãos com fator promotor da saúde e bem-estar.

## **1.2. O papel da escola na promoção da saúde**

Tendo em conta que a escola é uma parte integrante e essencial na comunidade, faz parte do seu papel tentar reduzir as desigualdades existentes na área da saúde. Para uma escola ser promotora da saúde deve implementar planos estruturados, com vista ao bem-

estar e saúde e para um desenvolvimento social para os alunos, docentes e não docentes (Ministério da Educação, 2009).

Embora não existam programas de saúde direcionados para a creche, existem diversas orientações para as escolas com vista à promoção da saúde e da higiene. Como refere o Programa Nacional de Saúde Escolar (2015), a sua finalidade é “contribuir para mais saúde, mais educação, mais equidade e maior participação e responsabilização de todos/as com o bem-estar e a qualidade de vida de crianças e jovens” (p.20). Neste sentido, a escola têm um papel fundamental e é responsável pela inclusão da Educação para a Saúde no seu currículo, no qual deve fornecer informação adequada sobre a saúde e ajudar os alunos a compreender as atitudes e valores subjacentes na escolha de um estilo de vida saudável (González, 2009).

Durante a Terceira Conferência Europeia de Escolas Promotoras de Saúde, que teve lugar em Vilnius na Lituânia, em 2009, foram decididas algumas orientações direcionadas tanto para as organizações governamentais, não governamentais, internacionais, nacionais e regionais, assim como para as escolas. Desta forma, as organizações são convidadas a adotar e ampliar a promoção e educação para a saúde como parte do desenvolvimento da escola; dar apoio através de políticas e estratégias internacionais, nacionais, regionais; quando se implementa um programa de promoção para a saúde com objetivos realistas, deve-se planejar, monitorizar e avaliar, assim como o envolvimento das crianças e jovens; encorajar a formação contínua de profissionais da educação e da saúde; desenvolver uma infraestrutura de comunicação para apoiar as escolas promotoras de saúde e, por fim comemorar acontecimentos relevantes e casos de sucesso.

Ao nível da escola, esta deve mobilizar recursos para desenvolver abordagens da promoção da saúde na escola; envolver a comunidade educativa e parceiros; garantir o empenhamento de todos e da qualidade dos recursos; encorajar a formação contínua, assegurar que as crianças e jovens estão ativamente envolvidos em todas as fases do processo e também, comemorar acontecimentos importantes e casos de sucesso.

A Rede das Escolas pela Saúde na Europa (rede SHE) tem por base um conceito positivo de saúde e bem-estar, e tem em consideração a Convenção sobre os Direitos da Criança, assim como a Convenção Europeia do Conselho da Europa sobre o exercício dos Direitos da Criança. Na Europa, são membros da rede SHE 43 países.

A rede SHE assenta em cinco valores principais: equidade, sustentabilidade, inclusão, competência para a ação e *empowerment* e democracia e a abordagem da saúde na escola deve envolver a promoção da educação para a saúde, incluindo-a no seu currículo, ter em conta o conceito de promoção da saúde e bem-estar dos alunos, desenvolver políticas de saúde na escola, assim como o seu ambiente físico e social, criar competências para a vida e fortalecer os laços entre a família e a comunidade e a parceria com os serviços de saúde.

Tanto a nível nacional, como internacional, a saúde nas escolas já é considerado um tema de extrema relevância devido ao impacto que a saúde tem na vida pessoal e em comunidade e, como refere a Declaração de Vilnius (2009), “alunos saudáveis aprendem melhor, pessoal docente e não docente saudáveis trabalham melhor” (p.5), pois o trabalho principal da escola é maximizar os resultados escolares.

### **1.3. A importância das rotinas na aprendizagem das crianças e na aquisição de hábitos de higiene**

Para melhor compreender a aquisição de hábitos de higiene é necessária uma compreensão da forma como os bebés e crianças mais pequenas aprendem. As crianças mais novas aprendem com todo o seu corpo e todos os seus sentidos, é através da experimentação que estas recolhem informação sobre o mundo à sua volta (Post & Hohmann, 2011). O termo *sensório-motor* é utilizado pelo psicólogo do desenvolvimento Jean Piaget para descrever a abordagem direta e física da aprendizagem das crianças nesta faixa etária; *sensório*, pois aprendem através dos sentidos e *motor* pelo modo como aprendem através das atividades físicas (Baranita, 2012).

Enquanto não começam a falar, é através da ação que as crianças exprimem as suas necessidades e desejos, os seus sentimentos e descobertas. Durante o primeiro ano de vida a capacidade da criança de receber e interpretar estímulos desenvolve-se bastante rápido (Avô, 1996), por isso é importante o seu envolvimento ativo com os adultos, assim como com materiais desafiantes e interessantes (Post & Hohmann, 2011). O seu desenvolvimento sensório-motor é bastante rápido durante os dois primeiros anos de vida e “permite assimilar uma quantidade crescente de informações” (p.58) que utiliza de forma gradual, conforme a sua maturação (Avô, 1996). Estas interações e

explorações fortalecem as sinapses (conexões cerebrais) que irão utilizar o resto das suas vidas: “As sinapses fortalecidas em virtude da experiência repetida tendem a ficar permanentes; as sinapses que não são suficientemente utilizadas durante os primeiros anos tendem a ser eliminadas.” (Shore, 1997, citado por Post & Hohmann, 2011). Ou seja, quanto mais a criança repetir uma certa ação ou experiência, melhor a irá interiorizar.

As rotinas correspondem a uma repetição de ações (diárias, semanais, mensais...) que ajudam a criança a eliminar incertezas e a sentir-se segura, tal como refere Zabalza (1998, citado por Seves, 2015) a rotina “(...) atua como organizadora estrutural das experiências quotidianas, substituindo a incerteza do futuro por um esquema fácil de compreender, ou seja, o quotidiano passa a ser algo previsível tendo importantes efeitos na sua segurança e autonomia” (p.15). Esta ideia é reforçada por Post e Hohmann (2011) referindo que se os horários e rotinas diárias “são previsíveis e estão bem coordenados em vez de em permanente mudança” (p. 195), a probabilidade das crianças se sentirem seguras e confiantes é bastante maior. Ainda segundo Hohmann e Weikart (2011, citados por Eichmann, 2014), a rotina diária “oferece um enquadramento estável no qual as crianças (...) podem sem perigo iniciar, reflectir sobre, modificar e expandir as experiências de aprendizagem pela acção” (p.6).

Tendo em conta que as crianças ainda não são capazes de compreender os conceitos de tempo e espaço, é responsabilidade do educador promover nas crianças a compreensão, de forma gradual, de ambos os conceitos (Ministério da Educação, 2016). As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016) referem também que para a compreensão do tempo é necessário o uso de horários, calendários, assim como a consciencialização das rotinas e da sucessão dos diversos momentos ao longo do dia, sendo através destas vivências que a criança começa a tomar consciência do passar do tempo, incluindo o conceito de antes e depois, a sequência semanal, mensal, anual e também o tempo marcado pelo relógio. É de igual importância a mobilização de estratégias que “permitam à criança distinguir o presente do passado e prever o que vai fazer num futuro mais ou menos próximo” (p.92), para que vá compreendendo as semelhanças e diferenças entre os acontecimentos do seu tempo, do tempo dos seus pais, dos seus avós, e outros mais distantes.

É necessário ter em conta que as crianças pequenas, muitas vezes, ainda não são autónomas na realização das rotinas de higiene, incluindo a higienização das mãos. Durante bastante tempo ainda dependem do adulto para realizar estas rotinas por si, como mudar a fralda, tomar banho, vestir e despir e a lavagem das mãos. Para as crianças pequenas, estes momentos íntimos de realização de hábitos de higiene promovem a comunicação e a relação criança-adulto (González, 2009).

Como tal, González (2009) refere que durante o primeiro ano de vida da criança, é o adulto quem satisfaz as suas necessidades de higiene e saúde e o primeiro objetivo na aquisição de hábitos de higiene é tornar essa experiência prazerosa e gratificante para os mais pequenos.

No final do primeiro ano de vida, as crianças pequenas participam na lavagem das mãos, esticando as mãos, aproximando a cara e explorando a água, por ser um elemento atrativo, pois as crianças pequenas tocam e exploram algo por que se sintam atraídas (Post & Hohmann, 2011). Entre o primeiro e segundo ano de vida, as crianças começam a querer aprender a lavar as mãos e a cara, mesmo que seja apenas pelo prazer do contacto com a água. Do segundo ao terceiro ano, as crianças querem brincar com água e com areia, o que não significa que estejam a perder as atitudes de limpeza que adquiriram, mas apenas porque precisam de manter um contacto regular com este tipo de materiais. Isto não constitui um obstáculo no ensino da necessidade de manter as mãos e cara limpas, principalmente antes das refeições (González, 2009).

As rotinas de higiene e cuidados corporais não só estimulam a relação adulto-criança como promovem o asseio, conforto físico e saúde, assim como reduzem a exposição da criança a infeções e irritações da pele e contribuem para o bem estar emocional da mesma (Post & Hohmann, 2011).

À medida que crescem, as crianças vão “ficando menos bebés” (p. 230) e tornam-se mais ativas nas suas próprias rotinas de higiene (Post & Hohmann, 2011), ou seja, a sua autonomia vai aumentando conforme a sua idade.

## **2. PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA**

Neste capítulo pretende-se apresentar os procedimentos metodológicos, a questão-problema e os objetivos do estudo. Para uma investigação precisa e fiável é necessária a escolha de uma metodologia científica apropriada ao estudo, assim como métodos de investigação adequados ao mesmo.

O capítulo encontra-se dividido em cinco subcapítulos, sendo que o quarto se divide em outros três. No primeiro apresenta-se o problema, questões de investigação e objetivos, onde é referida a problemática do estudo, através da revisão de literatura efetuada, são definidas as questões de investigação, assim como os objetivos do estudo que se pretende alcançar (Fortin, 2000). O subcapítulo seguinte diz respeito à abordagem metodológica e *design* do estudo, onde é explicado o desenho do estudo, assim como em que consiste a investigação qualitativa, pois se trata da abordagem metodológica utilizada, e a investigação-ação, que consiste no *design* deste estudo. No terceiro caracterizam-se os participantes do estudo e justifica-se a sua participação no estudo.

O quarto subcapítulo corresponde à recolha de dados e apresenta o cronograma do estudo. Neste subcapítulo explicam-se os procedimentos seguidos para a recolha de dados, assim como os instrumentos utilizados e a sua adequação ao estudo. Apresentam-se também as atividades realizadas com as crianças. Houve necessidade de as apresentar num subcapítulo à parte devido à relevância da intervenção para este estudo.

Por fim explicam-se os procedimentos de análise e tratamento dos dados.

### **2.1. Problema, questões de investigação e objetivos**

O presente estudo tem por base a importância dos hábitos de higiene e a abordagem dos mesmos com as crianças em idade de creche, sendo que a intervenção se centra apenas na higienização das mãos, pois esta “é uma das medidas mais simples e mais efectivas na redução da infecção associada aos cuidados de saúde.” (DGS, 2010, Circular Normativa nº13/DQS/DSD, p.2). Tendo em conta que as crianças aprendem com todos os seus sentidos, incluindo o toque (Post & Hohmann, 2011), é necessário o

incentivo e a promoção da lavagem das mãos de forma correta, tanto para a aquisição de hábitos de higiene como pelo facto de se tratar de uma medida promotora de saúde.

É necessário e relevante referir o tema em questão, dado que é através das mãos que as infeções, e a sujidade em geral, se transmitem, é importante trabalhar com as crianças no sentido de lhes inculcar os bons hábitos de higiene e realizar atividades com o intuito de facilitar a aquisição dos mesmos.

Apesar das crianças com um ano de idade terem alguma dificuldade na conceção da importância dos hábitos de higiene, é necessária uma intervenção precoce para as auxiliar na futura compreensão dos mesmos e na aquisição de alguns hábitos ainda enquanto são pequenas. Como foi referido anteriormente, em contexto de pré-escolar realizam-se atividades que não são habituais em creche, no entanto recentemente verifica-se uma preocupação pela intencionalidade educativa no trabalho com as crianças dos 0 aos 6 anos, que corrobora uma intervenção precoce.

Tendo em conta que a higienização das mãos é a medida mais simples e preventiva da propagação de infeções, dado que as mãos são “o veículo para a transmissão de microrganismos” (DGS, 2010, Circular Normativa nº13/DQS/DSD, p.2) e que as crianças não conseguem resistir a tocar ou explorar qualquer coisa ou qualquer pessoa por que se sentem atraídas em termos sensório-motores (Post & Hohmann, 2011), torna-se relevante a exploração desta temática com as crianças, pois apesar de no Jardim-de-Infância esta já ser abordada, não se verifica o mesmo na creche, onde a higienização das mãos é uma rotina, e não um tema a ser explorado com as crianças, para que, ao seu ritmo, vão interiorizando a importância deste hábito.

Desta forma, a questão geral desta investigação é: “Qual o impacto das atividades práticas na aquisição de hábitos de higiene em creche?”. A partir desta questão geral foram formuladas as seguintes questões:

- Quais os hábitos de higiene das crianças?
- Qual o grau de autonomia demonstrado?
- Será que há relação entre as atividades práticas e o progresso das crianças na aquisição de hábitos de higiene?

As questões formuladas permitiram estabelecer os seguintes objetivos:

- Conhecer os hábitos de higiene do grupo de crianças, nomeadamente se identificam as situações em que devem lavar as mãos;
- Conhecer o grau de autonomia das crianças ao lavar as mãos;
- Verificar se a realização de atividades práticas no âmbito das ciências contribui para o progresso na aquisição de hábitos de higiene e para iniciarem a compreensão da importância de lavar as mãos.

## **2.2. Abordagem e design do estudo**

O presente estudo tem como design a investigação-ação, esta é baseada no investigador como agente de mudança, envolvendo-se diretamente na causa da investigação (Bogdan & Bilken, 1994). A investigação-ação é “um processo dinâmico” e “interativo”, no qual é necessário “planejar com flexibilidade, agir, reflectir, avaliar/validar e dialogar” (Máximo-Esteves, 2008, p. 82). Ainda, segundo Bogdan e Bilken (1994), “consiste na recolha de informações sistemáticas com o objectivo de promover mudanças sociais.” (p.292), ou seja, o investigador intervém com o propósito de alterar a situação com que se deparou.

A abordagem deste estudo é qualitativa, sendo esta considerada uma abordagem descritiva, na qual a fonte de dados é o ambiente natural e o investigador constitui o instrumento principal (Bogdan & Bilken, 1994). Na investigação qualitativa “o significado é de importância vital” (Bogdan & Bilken, 1994, p. 50), pois os investigadores centram-se na qualidade das informações recolhidas, assim como na compreensão das diferentes perspectivas do estudo em causa.

Sendo que este estudo recorreu a uma intervenção pedagógica como forma de promoção da aquisição de hábitos de higiene, foi necessária a definição de quatro fases da intervenção. Inicialmente, durante a prática pedagógica, foi realizada a observação e caracterização do grupo, que consistiu numa recolha de dados de forma a compreender melhor as necessidades e interesses do grupo. A segunda fase diz respeito à elaboração das atividades a implementar com o grupo, com o tema da higienização das mãos, com base nas necessidades e interesses de cada criança. A terceira fase refere-se à implementação dessas atividades em sala, sendo recolhidos dados importantes em relação ao tema, e à alteração das atividades consoante a

necessidade de cada criança. A quarta e última fase teve como objetivo a avaliação das atividades e a percepção do impacto causado pelas mesmas na aquisição de hábitos de higiene do grupo (Ver figura 1).



**Figura 1** – Desenho do estudo

### **2.3. Participantes**

Para este estudo foi realizada uma intervenção pedagógica entre os dias 3 e 25 de janeiro de 2017 com o intuito de realizar atividades práticas sobre a higienização das mãos e verificar o impacto que estas têm na aquisição de hábitos de higiene nas crianças em idade de creche. Esta intervenção foi realizada na valência de creche, numa sala de 1 ano de uma instituição situada em Lisboa. Os participantes deste estudo são onze crianças (quatro do género feminino e sete do género masculino) com idades compreendidas entre os 12 e os 23 meses e foi também solicitada a participação dos encarregados de educação e da educadora titular da sala. Por tratar-se de uma investigação-ação, a estagiária, como investigadora, foi também participante no estudo.

Aos encarregados de educação foi feito um inquérito por questionário sobre as atitudes e comportamentos das crianças em relação à higienização das mãos. Nem todos os encarregados de educação responderam ao questionário e os que responderam foram maioritariamente mães (sete mães e um pai). A faixa etária predominante situa-se entre os 26 e os 40 anos de idade, e quanto às habilitações académicas, a maioria possui pelo menos o grau de licenciatura.

Também foi realizada uma entrevista semi-diretiva à educadora titular do grupo, para conhecer o grupo em termos do seu desenvolvimento, assim como saber como a educadora explorava o tema da higiene com as crianças.

## 2.4. Recolha de dados

De forma recolher e analisar dados, para posteriormente os poder compreender e retirar conclusões, é necessária uma recolha de dados rigorosa e objetiva que consiga fornecer informação relevante para o estudo em causa.

Para tal, são elaborados instrumentos, são seguidos procedimentos e realizadas tarefas, assim como um esboço de como se realizará a investigação. Este esboço é chamado desenho de investigação, e consiste num plano coerente e com lógica, elaborado pelo investigador, com o objetivo de obter respostas concretas e exatas às questões colocadas ou às hipóteses concebidas inicialmente (Fortin, 2000).

Foram realizadas diversas tarefas, enumeradas no quadro 1, que conduziram ao culminar do estudo. A primeira tarefa realizada foi a revisão da literatura referente ao tema a ser estudado; esta revisão foi sendo realizada desde o início até à conclusão do estudo, pois é necessária em todas as etapas da investigação, sendo que acompanha a formulação de questões de investigação (Fortin, 2000) e é feita com o objetivo de compreender o que já “é conhecido e o que falta conhecer num determinado domínio de investigação” (p.74), assim como de perceber que outros métodos foram utilizados por outros investigadores ao estudar um fenómeno do mesmo tema, ou para conhecer correntes conceptuais ou teorias.

À revisão de literatura segue-se a formulação do problema e objetivos do estudo, esta etapa é fundamental, pois a formulação da questão de partida e objetivos de estudo ajudam a definir as próximas ações a tomar na condução do estudo (Yin, 2011). Os resultados da investigação apoiam-se nas questões de investigação, que servem como um princípio a seguir (Talbot, 1995, citado por Fortin, 2000). Normalmente são escritas no presente, incluem a população a ser estudada e uma ou duas variáveis de investigação.

A construção de instrumentos é também uma parte importante do estudo, pois é a partir destes que irão ser recolhidos dados exatos e fiáveis, que servem de base para o estudo (Yin, 2011). Em investigação qualitativa, os dados relevantes podem derivar de quatro atividades principais: entrevistas, observação, recolher e examinar (normalmente materiais) e utilização dos sentidos. Estas ações podem depender de um instrumento

formal, por exemplo, a entrevista tem por base um guião com objetivos e questões delineadas, a observação pode basear-se em registos pessoais ou mesmo fotografias, a recolha e examinação pode resultar de uma pesquisa formal, utilizando bibliografia eletrónica e a utilização dos sentidos (Yin, 2011).

A elaboração das atividades a implementar numa sala de 1 ano fez também parte do processo, pois foi necessário traçar objetivos para que as atividades fossem ao encontro das necessidades reveladas pelo grupo de crianças.

A recolha e tratamento de dados, que foi sendo realizada ao longo da intervenção, consistiram na realização de uma entrevista à educadora titular, questionários distribuídos aos pais das crianças no final da intervenção também na observação direta acompanhada pelas notas de campo, elaboradas quase diariamente.

A intervenção, que será aprofundada no ponto 2.4.3., centrou-se na realização de três atividades, apesar da última não ter como intenção a lavagem das mãos, mas sim perceber se as crianças compreendiam a necessidade dessa lavagem. Todas as atividades tinham o objetivo geral de incentivar a aquisição de hábitos de higiene nas crianças.

A análise e interpretação dos dados, realizada tanto ao longo do estudo como no final da recolha de todos os dados e da implementação das atividades, permite “guiar o investigador na sua amostragem que é de natureza «intencional» e dá-lhe pistas sobre o que resta descobrir sobre o fenómeno em estudo” (Deslauriers, 1991, citado por Fortin, 2000, p.306). É nesta fase que o investigador compreende o que já sabe e o que lhe resta compreender, sendo que pode levantar questões complementares, trocar ideias com outros investigadores, ou realizar novas entrevistas.

Por fim, as conclusões do estudo, que devem remeter para a revisão de literatura efetuada, assim como para as observações realizadas inicialmente, em tom de comparação (Yin, 2011). As conclusões devem também indicar “a posição do investigador face aos resultados obtidos” (Fortin, 2000, p.336), sejam elas um julgamento aos resultados positivos ou negativos ou como esses resultados podem ser aplicados na prática. O investigador deve também concluir em relação ao significado dos resultados obtidos, à sua importância e generalização, assim como refletir sobre investigações futuras ou melhoria da sua.

**Quadro 1** – Cronograma do estudo

<b>Cronograma</b>	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro
Revisão da Literatura						
Formulação do problema e objetivos						
Construção de instrumentos (Entrevista, questionário)						
Elaboração das atividades						
Recolha e tratamento de dados						
Intervenção						
Análise/interpretação dos dados						
Conclusões						
Redação do documento final						

### **2.4.1. Instrumentos**

Para uma intervenção bem fundamentada e com sentido, é necessária uma recolha de dados sistemática; para a recolha dos dados foram utilizadas técnicas e instrumentos de recolha, como a observação direta, que deve “ser a primeira e necessária etapa de uma intervenção pedagógica fundamentada e exigida pela prática quotidiana” (Estrela, 1994, p.29), permitindo a observação de comportamentos e atitudes das crianças relativamente à higienização das mãos. Para Reuchlin (1969), citado por Estrela (1994), “a observação torna-se sistemática quando: É posta em relevo a coerência dos processos e dos resultados obtidos; São utilizadas técnicas rigorosas em condições suficientemente bem definidas para serem “repetíveis”.” (p.40), ou seja, a observação sistemática consiste na observação constante de algo, sendo essa observação repetida ao longo de um dado tempo, de modo a registar alterações ou a evolução de um certo processo.

Para a recolha de dados foi também utilizada a técnica de entrevista (dirigida à educadora titular do grupo com o qual foi realizada a intervenção) para caracterizar o grupo de crianças, tanto a nível do seu desenvolvimento como em termos dos hábitos de higiene, assim como a forma como a educadora entrevistada aborda o tema com as suas crianças. A entrevista fornece dados fundamentais sobre alguém que trabalha diretamente com o grupo, de modo a que a caracterização deste seja a mais completa e fiável possível, tal como refere Estrela (1994), a entrevista permite “não só fornecer pistas para a caracterização do processo em estudo, como também conhecer, sob alguns aspectos, os intervenientes do processo” (p.342). A entrevista semiestruturada concede ao entrevistador “uma amplitude de temas considerável,

que lhe permite levantar uma série de tópicos” e possibilita o entrevistado “a oportunidade de moldar o seu conteúdo” (Bogdan & Bilken, 1994, p. 135). Para a realização da entrevista foi realizado, previamente, um guião da mesma (Ver Anexo A – Guião da Entrevista). O guião da entrevista permite ao entrevistador ter em mente “um inventário dos temas a cobrir” (Fortin, 2000, p.247), embora dê espaço ao entrevistado para “contar a sua história em termos pessoais, pelas suas próprias palavras” (Bogdan & Bilken, 1994, p135).

O inquérito por questionário (Ver Anexo B – Questionário aos pais) foi também utilizado para recolher os dados de caracterização final, questionando os pais das crianças sobre as atitudes e comportamentos das crianças em relação à higienização das mãos, para que seja possível verificar o progresso conseguido, ou não, com as atividades realizadas durante a intervenção. O questionário “é um instrumento de medida que traduz os objectivos de um estudo com variáveis mensuráveis.” (p.249) que auxilia na organização, normalização e controlo dos dados, de modo a que as informações pretendidas possam ser recolhidas de uma forma fiável (Fortin, 2000). O questionário utilizado foi elaborado de raiz, e trata-se de um questionário com perguntas fechadas, composto por três partes: a primeira diz respeito à caracterização da população (pais), assim como à idade das crianças; a segunda questiona os pais sobre os hábitos de higiene que têm com os seus filhos (especificamente na higienização das mãos); a terceira refere-se ao grau de autonomia demonstrado pelas crianças na higienização das mãos (Ver Anexo C – Plano do Questionário).

Durante a intervenção foram também elaboradas notas de campo, que descrevem diversas situações, nomeadamente as atividades realizadas com o grupo, assim como algumas reflexões sobre o desenvolvimento do grupo em diversas áreas, principalmente em relação aos aspetos de aquisição dos hábitos de higiene. As notas de campo são “uma descrição das pessoas, objectos, lugares, acontecimentos, actividades e conversas” (Bogdan & Bilken, 1994, p.150) que o investigador observa e/ou participa e que são dignas de reflexão por fornecerem dados relevantes para a investigação em causa.

## 2.4.2. Procedimentos

Na recolha de dados e aplicação dos instrumentos escolhidos encontram-se inerentes alguns procedimentos a seguir para uma boa prática metodológica.

No que diz respeito à entrevista, existiu uma conversa com a educadora titular do grupo, na qual foi combinada a entrevista, foi comunicado o tema geral, os hábitos de higiene, assim como foi dito para que fim se iria realizar a entrevista, ou seja, para a realização deste estudo, e por isso foi necessário pedir a sua ajuda por ser uma pessoa com experiência na área, sendo que eu nunca tinha desenvolvido o tema com as crianças.

Tal como referem Bogdan e Bilken (1994), no início da entrevista deve-se informar de forma breve o entrevistado que a entrevista será anónima, assim como se deve pedir autorização para a gravação da mesma. O entrevistador deve tentar criar um clima de confiança de modo a influenciar a motivação e envolvimento da pessoa entrevistada (Fortin, 2000). Deve iniciar a entrevista agradecendo ao entrevistado e colocando uma pergunta de carácter geral, neste caso específico, “fale-me um pouco sobre o seu percurso profissional e a sua formação” seria um bom exemplo para iniciar esta entrevista, o que foi o caso. O entrevistador deve também tentar comunicar o seu interesse pessoal, acenando com a cabeça e mostrando-se atento ao discurso do entrevistado (Bodgan & Bilken, 1994). No decorrer da entrevista, a pergunta “Qual a rotina existente na sala?” foi passada à frente, apenas fazendo um comentário, pois tendo em conta que o estágio decorreu no local de investigação, a rotina já era conhecida. A entrevista realizada foi composta por vários blocos temáticos, sendo estes a legitimação da entrevista, os dados profissionais e metodologia de trabalho, características do grupo, características das crianças e hábitos de higiene na sala. Depois de realizada a análise de conteúdo, algumas subcategorias emergiram, sendo definidas *a posteriori*.

Em relação ao inquérito por questionário, como já referido anteriormente, foi elaborado um plano do questionário, pois o questionário foi realizado de raiz, sendo que não existe nenhum questionário validado sobre este tema, e não houve tempo disponível para validar o questionário construído. Depois de construído o plano, prosseguiu-se para

a construção do questionário em si. O texto inicial foi alterado segundo indicações do diretor da instituição onde o estudo foi desenvolvido.

O questionário foi entregue à educadora titular da sala que colocou um em cada mochila das crianças. O pai ou mãe dessa criança puderam preencher o mesmo em casa e devolveram-no da mesma forma. Apesar do caráter impessoal e apresentação uniformizada, o que confere ao questionário uma certa padronização de uma situação (Fortin, 2000), o facto de ser preenchido em casa, levou a que alguns pais não respondessem a algumas alíneas, por pensarem não se aplicar à sua situação, ou quem sabe, por não compreenderem certas questões, o que se revela ser uma limitação do estudo.

Em relação às notas de campo, estas foram elaboradas sempre que era realizada uma atividade intencional, ou sempre que alguma das crianças evidenciava algum comportamento ou atitude relativas à higienização das mãos, sendo que era registado o contexto em que o mesmo aconteceu, assim como a atitude revelada. A atividade 2 seguiu procedimentos predefinidos (Ver Anexo D – Procedimentos da Atividade 2) e foi utilizada uma grelha de observação para registar e verificar algumas competências evidenciadas pelas crianças (Ver Anexo E – Grelha de Observação da atividade 2)

### **2.4.3. Intervenção**

A intervenção foi realizada ao longo de três meses (novembro-janeiro 2017), mas as atividades intencionais apenas foram três, realizadas em janeiro.

A primeira atividade foi realizada no dia três de janeiro e consistiu na visualização de um vídeo musical “Lava as mãos” do Panda e Os Caricas, personagens bem conhecidas do grupo. Com este vídeo o grupo aprendeu alguns gestos básicos da lavagem das mãos. De seguida, as crianças puderam explorar tinta em cima da mesa e, por fim, procedemos à lavagem das suas mãos. Esta atividade inicial teve como objetivo ensinar às crianças como se lava as mãos corretamente, tirando partido do interesse de algumas crianças (Panda e Os Caricas) para captar a sua atenção.

Na segunda atividade, realizada no dia onze de janeiro, o grupo viu e ouviu novamente o vídeo musical “Lava as mãos”, imitando os gestos. De seguida, um a um, tocaram em tinta, lavaram as mãos apenas com água e decalcaram numa folha de papel, para que verificassem que as mãos não estavam totalmente limpas, lavaram então com o sabão e decalcaram novamente, para que pudessem observar a diferença. A atividade foi adaptada da atividade “Mãos Sujas!”, da unidade “Mãos Limpas, Corpo Saudável!”, um recurso da plataforma Ciência em Três do Instituto Gulbenkian de Ciência. Trata-se de uma iniciação ao trabalho de caráter experimental, na área da microbiologia, destinada a crianças em idade pré-escolar e 1º e 2º ano do 1º ciclo do Ensino Básico.



**Figura 2** – Atividade 2: decalque das mãos, antes e depois da lavagem

Em contexto de Pré-Escolar realizam-se atividades práticas no âmbito das ciências que contribuem para que as crianças compreendam melhor a importância de lavar as mãos, contudo não é comum realizarem-se com as crianças em idade de creche este tipo de atividades.

Considerando as várias definições de *atividade* no âmbito do ensino das ciências convém clarificar o conceito de *trabalho prático*. Neste estudo optou-se pela definição de Hodson (1988, citado por Dourado, 2001) que refere o conceito de trabalho prático como sendo um recurso didático utilizado pelo professor, no qual são incluídas todas as atividades realizadas pelo aluno, desde que este esteja ativamente envolvido nelas. O trabalho prático refere-se ao envolvimento do aluno na realização das atividades e constitui um trabalho mais amplo, onde são incluídos todos os outros tipos de trabalho, como as atividades de caráter experimental.

O trabalho de carácter experimental exige o controlo e manipulação de variáveis e requer a compreensão e explicitação das relações causa-efeito, assim como capacidade interpretativa, necessária para a seleção do problema, o planeamento, observações e o registo e tratamento de dados para, posteriormente, apresentar e discutir os resultados e elaborar conclusões (Pedrosa, 2001).

Esta atividade teve como objetivos compreender o conceito de sujidade e perceber que para uma lavagem correta das mãos é necessário sabão. Sendo que esta atividade aborda os conceitos de micróbios, sujidade, lavagem das mãos e transmissão de doenças, mostra-se bastante relevante para o estudo em causa, embora tenha sido adaptada, pois as crianças com um ano ainda não são capazes de compreender o abstrato, ou seja, apenas compreendem aquilo que são capazes de ver, ouvir, tocar ou sentir diretamente, pois tudo o que não está presente, não existe (Avô, 1996).

A atividade adaptada permitiu estabelecer uma relação entre situações do dia a dia das crianças, como são as atividades com tinta, e a aquisição de hábitos de higiene e foi desenhada e organizada recorrendo a procedimentos científicos simples. Todas as crianças seguiram os mesmos procedimentos e “observaram” os “resultados” através do decalque das mãos, primeiro após a simples lavagem com água e, posteriormente, após a lavagem utilizando o sabão, graças aos registos que permitiram, em alguns casos, apreciar as diferenças.

A atividade realizada, embora com base numa atividade de carácter experimental, considerando a sua adequação a crianças tão pequenas, considerou-se apenas uma atividade prática.

A terceira atividade (realizada a dezoito e continuada a vinte e cinco de janeiro) teve como tema o inverno. Depois de pintarem elementos de vestuário da estação do ano com a técnica de esponja, para que sujassem as mãos, verificou-se que algumas crianças pediram para as lavar. O objetivo pretendido era verificar se as crianças eram capazes de identificar a necessidade de lavar as mãos quando estavam sujas, o que foi manifestado por algumas. Depois de pintarem os elementos de vestuário de inverno, recorrendo à técnica de esponja, colocámo-los na representação da figura humana.



**Figura 3** – Atividade 3: vestuário de inverno

## **2.5. Tratamento e análise de dados**

O tratamento e análise dos dados é uma parte importante de qualquer estudo. A análise de dados consiste no “processo de busca e de organização sistemático de transcrição de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais de foram sendo acumulados” (Bogdan & Bilken, 1994, p.205). É a partir desta análise que o investigador compreende os dados recolhidos de diversos materiais e decide o que apresentar aos outros em relação ao que encontrou (Bogdan & Bilken, 1994). O tratamento dos dados recolhidos foi misto, pois recorre a uma parte de tratamento e análise qualitativa (entrevista e notas de campo) e outra quantitativa (questionários).

Para analisar e tratar os dados recolhidos da entrevista foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, que, segundo Berelson, citado por Estrela (1994), é “uma técnica de investigação que visa a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (p.455), trata-se de um procedimento que permite, de um modo objetivo, retirar conclusões da comunicação de algo. O primeiro procedimento tido em conta foi a transcrição íntegra da entrevista para obter o *corpus* da análise (Ver Anexo F – Transcrição da Entrevista). Segundo Bardin (1997), é necessária a definição de unidades de registo, que constituem as mais pequenas parcelas de texto com sentido. Outro tipo de unidade que é preciso definir é a unidade de contexto, que são superiores à unidade de registo e permitem atribuir significado aos itens obtidos. A unidade de

contexto pode ser uma palavra, uma frase ou um parágrafo. De seguida foram definidas categorias, que já tinham sido pensadas *a priori*, de forma a classificar as unidades obtidas; algumas subcategorias emergiram no decorrer da entrevista, e também foram consideradas na análise por serem pertinentes ao tema. O dicionário de categorias, que permite uma melhor compreensão de cada uma, encontra-se em anexo (Ver Anexo G – Dicionário de Categorias).

Para analisar os questionários foi utilizado o programa Microsoft Excel 2010. Depois de inseridos os dados, foi realizada a percentagem de cada resposta apenas na primeira parte do questionário (referente aos dados sociodemográficos). Na segunda e terceira pergunta do questionário foram realizados gráficos de cada alínea, com a representação do número de respostas dadas em cada medida da escala de Likert (1 a 5 pontos).

Por fim, as notas de campo realizadas foram seis, nas quais foram descritas atitudes das crianças em relação às atividades realizadas, assim como evidências relativas aos hábitos de higiene que algumas crianças demonstraram em diversos dias. As notas de campo devem ser “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia, e pensa no decurso da recolha, refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo.” (Bogdan & Bilken, 1994, p.150), por isso, a sua análise passa pela leitura detalhada das notas elaboradas e compreensão da informação recolhida, assim como uma reflexão sobre a mesma.

### **3. RESULTADOS**

Os resultados do estudo devem ir ao encontro das perguntas formuladas inicialmente e dar resposta às mesmas, criando uma ligação lógica com o problema de investigação (Fortin, 2000). Para isso é necessário ter em conta a revisão de literatura realizada, assim como a caracterização dos participantes, a intervenção realizada e os dados recolhidos de cada instrumento.

De seguida serão apresentados os resultados de cada instrumento utilizado (entrevista, notas de campo e questionário) e, posteriormente, a discussão dos mesmos, cruzando a informação.

#### **3.1. Entrevista**

Antes da intervenção com as crianças, foi realizada uma entrevista à educadora titular do grupo, com vista a compreender, tanto o desenvolvimento das crianças como os hábitos de higiene existentes na sala e a forma como a mesma abordava o tema com o grupo. Desta forma, depois de realizada a análise de conteúdo da mesma, foi possível retirar algumas conclusões. Segundo a educadora titular, as crianças nesta faixa etária não revelam um gosto específico por algo, este grupo tem um especial interesse pelas expressões, pela música, por ser um fator que capta a sua atenção. Em relação ao desenvolvimento do grupo não existe qualquer problema, apenas uma criança (M.F.) de 13 meses que ainda não andava nem gatinhava, mas a educadora não achou ser relevante, pois há que respeitar o ritmo de cada criança.

No que diz respeito à compreensão da importância da lavagem das mãos, como refere González (2009), as crianças ainda não são capazes de compreender a importância da lavagem das mãos, mas já participam na mesma, porque se sentem atraídas pela água e já esticam as mãos, colaborando. A educadora titular parece partilhar a mesma opinião, referindo que as crianças ainda não são capazes de compreender o porquê, e apenas se interessam por este novo elemento (água).

Apesar de já existir uma rotina de higienização das mãos depois do almoço, esta rotina não é realizada antes do almoço, pois na instituição onde foi realizado o estudo

não é hábito, e apenas as crianças a partir dos dois anos realizam esta rotina antes de almoçar. A educadora comentou que talvez fosse algo a ser alterado, mas que por agora se encontra organizado desta forma porque as crianças são muito pequenas e por vezes ainda não comem sozinhas.

Em relação à autonomia do grupo, a educadora referiu que todo o grupo precisa de ajuda na lavagem das mãos e nenhum a efetua sozinho. No entanto, refere que no final do ano letivo talvez ela já abra a torneira e alguns meninos já sejam capazes de esfregar as mãos sozinhos. Os mais velhos são mais autónomos na lavagem das mãos, como se verificou nas crianças de dois anos.

Os resultados da análise de conteúdo, apresentados na tabela 1, incluem as três categorias definidas *a priori*.

**Tabela 1** – Resultados da Análise de Conteúdo

Categorias	Subcategorias	UR	
		FA	%
Caraterização da entrevistada	Formação em Educação de Infância	4	25
	Metodologia eclética	12	75
		16	100
Grupo	Perceção de um gosto ainda é difícil nesta faixa etária	2	8
	Interesses pelas expressões	3	12
	Os mais novos focam-se na observação e assimilação	3	12
	Comportamentos expectáveis com flutuações pontuais	7	28
	Desenvolvimento típico com poucas preocupações	10	40
		25	100
Aquisição de hábitos de higiene	A exploração da água como um novo elemento	4	19
	Rotina de lavagem das mãos	5	23.8
	Ausência da compreensão da importância da lavagem das mãos	4	19
	Compreensão da importância da higiene nos mais velhos	3	14.3
	Pouca autonomia na lavagem das mãos	3	14.3
	A autonomia na lavagem das mãos aumenta nas crianças mais velhas	2	9.5
		21	100
		62	100

No entanto, algumas subcategorias emergiram como a “Percepção de um gosto ainda é difícil nesta faixa etária”, a “Ausência da compreensão da importância da lavagem das mãos”, a “Compreensão da importância da higiene nos mais velhos” e “A autonomia na lavagem das mãos aumenta nas crianças mais velhas”.

### **3.2. Intervenção e Notas de Campo**

Sendo que a intervenção se centrou na realização de atividades sobre a higienização das mãos e, para que seja possível verificar uma diferença nas crianças, é necessário referir que durante o período de observação do estágio (onde foi realizada a intervenção) foi possível observar a realização de uma atividade de estampagem das mãos e modelagem (orientada pela educadora titular) na qual as crianças não revelaram interesse nem necessidade da lavagem das mãos depois de estarem sujas (Ver Anexo H – Relatório Diário 22/11/2016), pelo que é possível assumir que, naquele momento, o grupo não “compreendia” a necessidade da lavagem das mãos.

Posto isto, e em relação às atividades desenvolvidas, é possível referir que ao longo da realização da primeira atividade o grupo mostrou-se interessado e envolvido na mesma, imitando o gesto de lavar as mãos que observara no vídeo musical “Lava as mãos” do Panda e os Caricas (Ver Anexo I – Nota de campo nº1 03/01/2017). O vídeo foi repetido quatro vezes a pedido do grupo, e depois da atividade de exploração de tinta, as crianças lavaram as mãos com ajuda da estagiária.

Na semana seguinte, num momento de transição para uma atividade de Dança/Teatro, foi perguntado ao grupo como se lavava as mãos, de modo a perceber se teriam retido algo da atividade anterior. Cinco das crianças do grupo esfregaram as mãos, revelando que tinham conhecimento da ação realizada ao lavar as mãos. Uma das crianças, a mais velha da sala, dirigiu-se ao lavatório e disse “água”, depois da estagiária mostrar o frasco de sabonete líquido e dizer “sabão”, a mesma criança repetiu a palavra, assim como uma outra (Ver Anexo J – Nota de campo nº2 09/01/2017). Gradualmente, o grupo parece demonstrar a compreensão de como é realizada a lavagem das mãos.

Na realização da segunda atividade, com o objetivo de demonstrar a necessidade do sabão na lavagem das mãos, grande parte do grupo não compreendeu que este era necessário, à exceção de três crianças. Duas destas crianças não realizaram a atividade tal como foi planeada, pois recusaram-se a tocar na tinta. No entanto, depois de serem questionadas se queriam lavar as mãos, responderam que sim e reconheceram imediatamente a necessidade de utilizar o sabão, apontando para o frasco (Ver Anexo K – Nota de campo nº3 11/01/2017). Duas das crianças, por serem as mais novas do grupo, não manifestaram iniciativa para lavar as mãos, pois ainda se limitam à observação e assimilação do que se passa ao seu redor. Uma das crianças que compreendeu a necessidade do sabão (B.L.), depois da educadora lhe lavar as mãos a seguir ao almoço, dirigiu-se à estagiária, mostrou as suas mãos e apontou para a educadora, referindo não verbalmente que tinha lavado as mãos.

Ao realizar a terceira atividade, que teve como tema o inverno e o seu objetivo era perceber se o grupo sentia a necessidade de lavar as mãos quando estas estão sujas, verificou-se que duas das crianças, assim que acabaram de explorar a tinta, colocaram as mãos no ar, disseram “mão” e dirigiram-se ao lavatório, pedindo ajuda para as lavar. Outras duas, assim que viram os colegas a lavar as mãos também o quiseram efetuar. É necessário referir que estas crianças têm entre 19 e 23 meses, o que mostra que as crianças a partir de um ano e meio já compreendem melhor tanto como se realiza a lavagem das mãos como a necessidade de o fazer, mas apenas quando as mãos se encontram visivelmente sujas. Outra das crianças (S.L.) quis lavar as mãos, mas mostrou ser apenas porque gosta bastante de água, pois disse a palavra diversas vezes e durante a lavagem mostrou-se muito interessada em chapinhar no lavatório. Esta criança tem 16 meses, sendo notória a diferença entre o interesse pela lavagem das mãos e o interesse apenas pela água, talvez por esta criança ser mais nova. B.L., de 19 meses, depois da educadora de lavar as mãos na rotina a seguir ao almoço, veio novamente mostrar as suas mãos para indicar que as tinha lavado (Ver Anexo L – Nota de campo nº4 18/01/2017). A evolução é mais notória nas crianças com idade superior aos 18 meses.

Novamente, na semana seguinte, enquanto lavava as mãos, duas crianças dirigiram-se ao lavatório e disseram “mão”. Questionadas como se realizava a lavagem das mãos, uma delas esfregou-as, e depois de mostrar o frasco do sabão e perguntar o que era, duas crianças disseram “ão”, referindo-se ao sabão (Ver Anexo M – Nota de campo nº5

23/01/2017). Mais uma vez, depois do almoço, B.L. mostrou as suas mãos à estagiária, dizendo “mão”. Evidências que provam que as atividades realizadas neste âmbito podem ter influenciado a compreensão deste hábito de higiene.

Por fim, depois de a educadora realizar uma atividade de pintura com gelo corado, B.L. pediu para lavar as mãos, e depois de lhe perguntarem se estas estavam sujas, a criança respondeu de forma afirmativa, assim como F.S.1 (a criança mais velha da sala). B.L. foi ainda ter com a educadora e apontou para a zona suja da sua mão. Ao lavar as mãos a C.F. (18 meses), que ainda não tinha demonstrado alguma compreensão tanto na lavagem das mãos como na necessidade de utilização do sabão, a criança evidenciou alguma compreensão das mesmas, pois esfregou as mãos depois do adulto exemplificar e lhe pedir, abriu a torneira e apontou para o frasco do sabão. V.Q., de 19 meses, depois do almoço dirigiu-se sozinho para o lavatório e disse “mão”, o que mostra que já interiorizou essa rotina e sabia o que iria fazer (Ver Anexo N – Nota de campo nº6 24/01/2017).

### **3.3. Questionário**

No final da intervenção, foi realizado um questionário aos pais das crianças do grupo em questão, de forma a perceber as rotinas habituais de lavagem das mãos em casa, como é feito e qual o grau de autonomia demonstrado pelas crianças em diversas situações de higienização das mãos. Dos onze questionários entregues apenas oito foram preenchidos.

No que diz respeito à caracterização dos pais das crianças, em relação à sua idade, apenas um pai se encontra na faixa etária entre os 26 e os 40 anos, e sete pais têm entre os 41 e os 60 anos (Ver Anexo O - Gráfico 1 – Idade dos pais).

Relativamente às habilitações literárias dos pais que responderam, verificou-se que os pais têm habilitações literárias ao nível do ensino superior. Um possui bacharelato, outro mestrado e sete têm uma licenciatura (Ver Anexo P - Gráfico 2 – Habilitações Literárias dos pais).

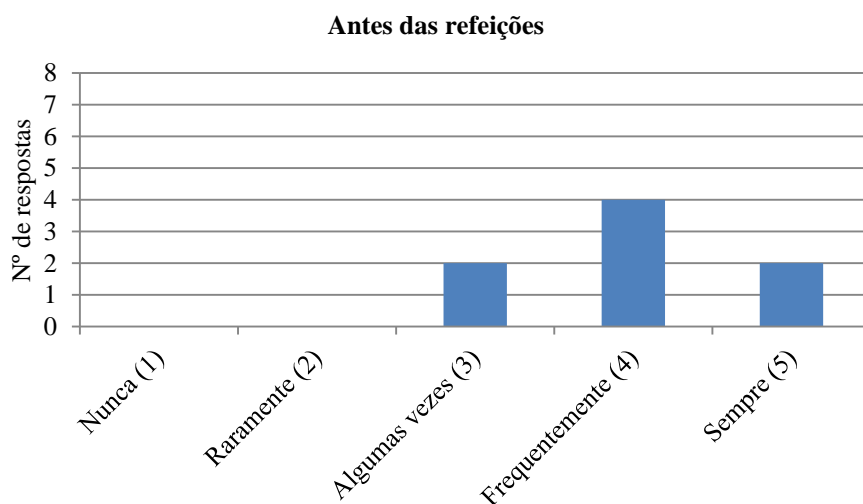
Relativamente à idade das crianças, tal como se observa na tabela 2, num total de 8 crianças, 4 têm idade inferior ou igual aos 18 meses e 3 crianças têm idades compreendidas entre os 19 e os 23 meses.

**Tabela 2** – Idades das crianças

Crianças	Idade (em meses)
F.C.	13
M.F.	14
S.L.	16
C.F.	18
V.Q.	19
B.L.	19
S.G.	20
F.S.1	23

Em relação aos hábitos de higiene das crianças em casa, apenas três pais responderam que a criança lava “frequentemente” as mãos depois de ir à casa de banho (Ver Anexo Q – Gráfico 3 - Lavagem das mãos depois da ida à casa de banho). Os restantes não responderam, provavelmente porque as crianças ainda utilizam fralda.

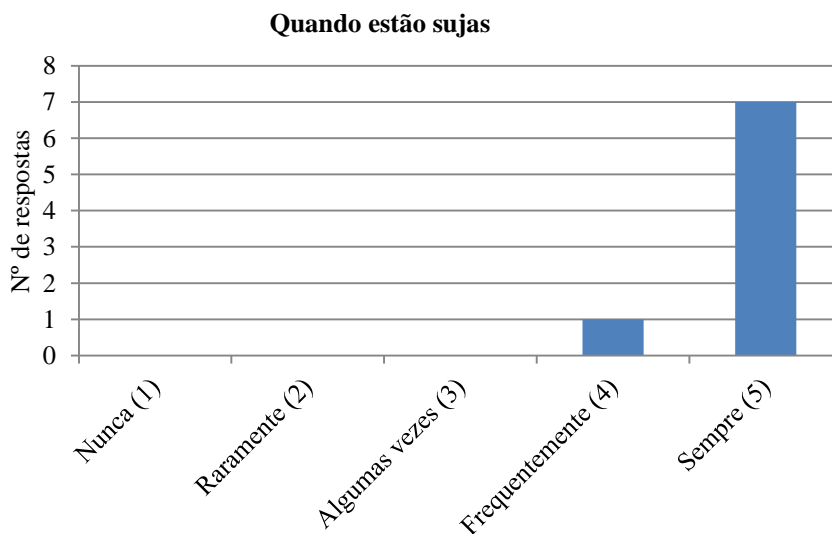
Em relação à lavagem das mãos antes das refeições, verifica-se que é frequente. Quatro pais afirmam que lavam frequentemente, um dos pais respondeu algumas vezes e outro respondeu que lava sempre as mãos (Gráfico 4).



**Gráfico 4** – Lavagem das mãos antes das refeições

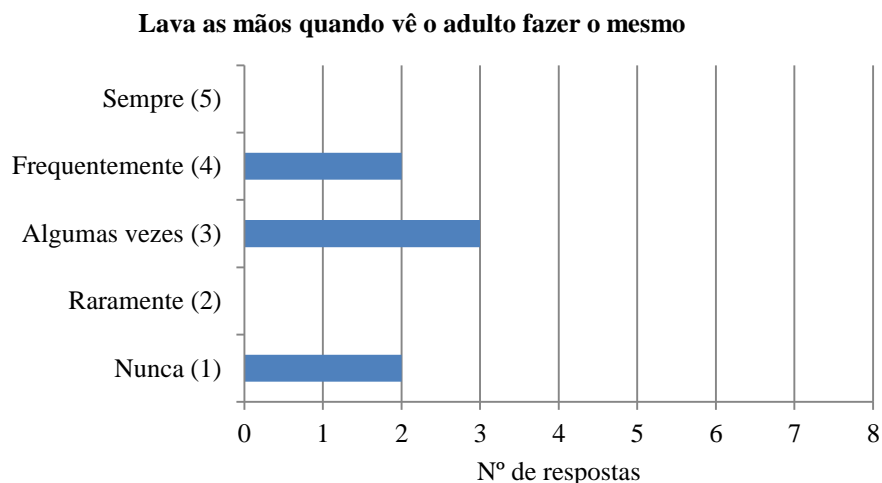
É possível verificar que, depois das refeições, a maioria dos pais respondeu que os seus filhos lavam sempre as mãos depois das refeições (Ver Anexo R – Gráfico 5 - Lavagem das mãos depois das refeições).

Em relação à lavagem das mãos quando estão sujas, a esmagadora maioria dos inquiridos (7 pais) respondeu que os seus filhos lavam sempre as mãos quando estão sujas.



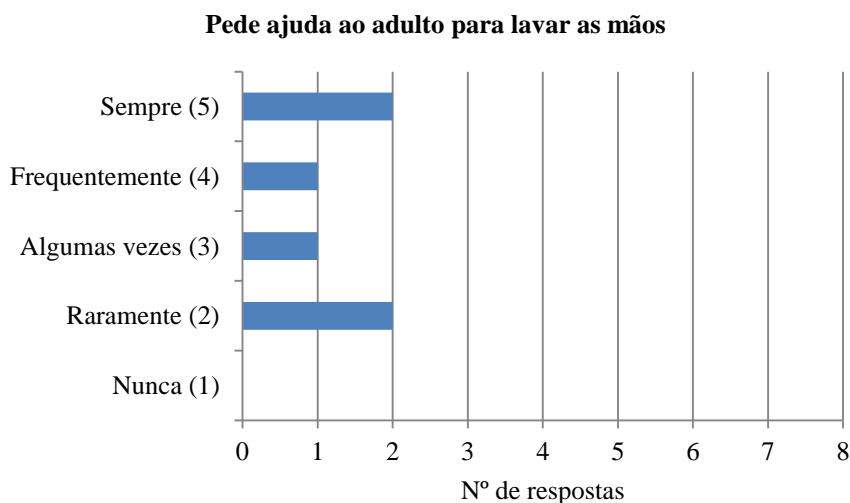
**Gráfico 6** – Lavagem das mãos quando se encontram sujas

Relativamente à pergunta 3, que diz respeito ao grau de autonomia da criança nos hábitos de higiene, a maioria dos pais que responderam referem que o/a seu/sua filho(a) lava as mãos algumas vezes quando vê o adulto fazer o mesmo. Dois pais referem que a criança lava frequentemente as mãos, imitando o adulto, e outros dois responderam que nunca o faz.



**Gráfico 7** – Frequência com que a criança lava as mãos, imitando o adulto

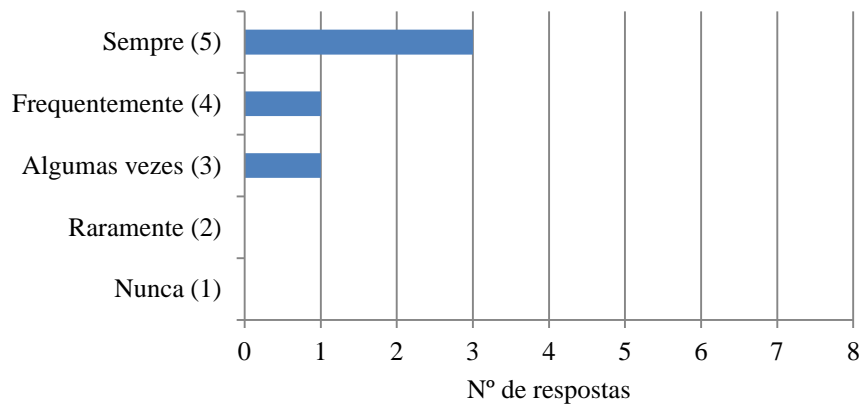
Em relação à pergunta 3.2., verifica-se que duas crianças raramente pedem ajuda para lavar as mãos, mas também duas pedem sempre ajuda para o fazer. No entanto, dois dos inquiridos não responderam a esta pergunta.



**Gráfico 8** – Frequência com que a criança pede ajuda ao adulto para lavar as mãos

Na pergunta 3.3., apesar de 3 pais não terem respondido, a maioria refere que precisa de chamar sempre a atenção do(a) seu/sua filho(a) para que lave as mãos.

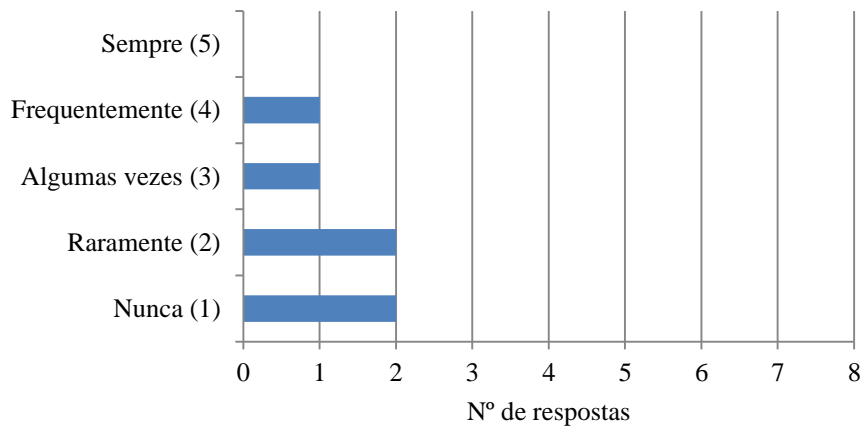
### É necessário chamar à atenção para que lave as mãos



**Gráfico 9** – Frequência com que é necessário chamar a atenção da criança para a lavagem das mãos

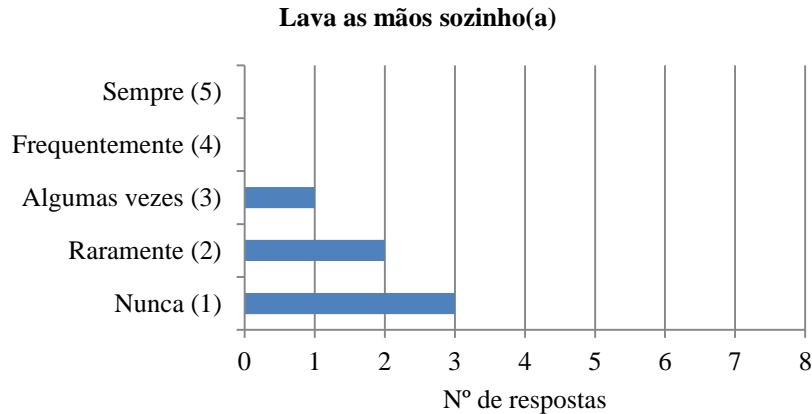
Em relação à pergunta 3.4., apesar de 3 pais não terem respondido, a maioria refere que os(as) seus/suas filhos(as) raramente ou nunca lavam as mãos espontaneamente. O que faz sentido, pois como já foi referido, as crianças nesta faixa etária começam a querer aprender a lavar as mãos, embora não o façam de forma autónoma (González, 2009).

### Lava as mãos espontaneamente



**Gráfico 10** – Frequência com que a criança lava as mãos espontaneamente

Por último, em relação à frequência com que a criança lava as mãos sozinha, verifica-se que, apesar de dois pais não terem respondido, a maioria refere que o(a) seu/sua filho(a) nunca lava as mãos sozinho(a), e em dois casos, raramente.



**Gráfico 11** – Frequência com que a criança lava as mãos sozinha

### 3.4. Discussão dos Resultados

Depois de apresentados os resultados tanto da intervenção, como dos instrumentos utilizados para a recolha de dados do estudo, é necessária a discussão dos mesmos, de modo a verificar se as questões de investigação foram respondidas e que conclusões são possíveis de retirar.

De modo a responder à questão geral de investigação - “Qual o impacto das atividades práticas na aquisição de hábitos de higiene em creche?” – é necessário encontrar uma resposta às pequenas questões colocadas, assim como verificar se os objetivos propostos foram atingidos. Assim, em relação ao primeiro objetivo - conhecer os hábitos de higiene do grupo de crianças, nomeadamente se identificam as situações em que devem lavar as mãos - é possível verificar que, na opinião da educadora, a rotina de lavagem das mãos é apenas realizada depois do almoço, pois as crianças ainda não comem sozinhas, apesar de referir que talvez a rotina devesse ser alterada, a educadora diz que esta é a norma da instituição e deverá continuar a ser realizada. Na opinião dos pais, estes não dão muita importância à lavagem das mãos depois da ida à casa de banho, pois as crianças ainda não controlam os esfíncteres e, por isso, ainda usam fralda. No entanto, antes e depois das refeições referem que as crianças, pelo menos algumas vezes, lavam as mãos, e quando as mãos estão sujas, lavam quase sempre. Apesar de três questionários não terem sido devolvidos, e algumas perguntas não terem sido respondidas, verifica-se que os hábitos de higiene das crianças em casa são os esperados, o que é importante para a sua saúde e para evitar o contágio de doenças e a

propagação de germes que provocam diarreia, constipações, gripes ou outras doenças (Associação Nacional de Controlo de Infeção, 2015; The Global Handwashing Partnership, 2015; Militão, 2011; Direção-Geral da Saúde, 2017). Mesmo assim, estes hábitos podem ser reforçados na creche.

Em relação ao segundo objetivo – conhecer o grau de autonomia das crianças ao lavar as mãos – é possível afirmar que o grau de autonomia difere de acordo com a idade da criança (González, 2009). A educadora titular da sala refere que as crianças ainda não são capazes de efetuar a higienização das mãos sozinhas, por serem muito pequenas, apesar de já participarem na mesma, principalmente por se sentirem atraídas pela água (González, 2009; Post & Hohmann, 2011). A maioria dos pais que responderam ao questionário refere que algumas vezes o(a) seu/sua filho(a) o imita na lavagem das mãos e pede ajuda ao adulto para o fazer. No entanto, é quase sempre necessário chamar à atenção da criança para lavar as mãos, e nunca ou raramente lava as mãos espontaneamente e sozinha, o que pode ser justificado pela sua faixa etária, sendo que nesta idade a lavagem das mãos passa por ser um momento de interação adulto-criança e deve, primeiro de tudo, ser um momento de prazer e gratificação para a criança, para que gradualmente vá adquirindo bons hábitos de higiene (González, 2009). De acordo com o que foi observado durante a intervenção e registado nas notas de campo, as crianças a partir dos 19 meses, apesar de necessitarem de ajuda para efetuar a lavagem das mãos, já a realizam um pouco mais autonomamente, tentando abrir a torneira, esfregando as mãos e algumas reconheceram a necessidade de utilizar o sabão.

Em relação ao terceiro objetivo – verificar se a realização de atividades práticas no âmbito das ciências contribui para o progresso na aquisição de hábitos de higiene e para iniciarem a compreensão da importância de lavar as mãos – verificou-se que as crianças mais velhas, as que têm idades superiores a um ano e meio, pediram para lavar as mãos após a atividade com tinta, sem que nenhum dos adultos o tivesse sugerido. Evidenciaram também alguma compreensão na lavagem das mãos e na necessidade de usar também o sabão. Esta atitude é diferente da observada pela estagiária nas atividades iniciais, antes da intervenção. Além disso, verificou-se, como no caso de B.L., que quando lhe lavavam as mãos, a criança vinha ter com a estagiária para as mostrar. Este comportamento foi gradualmente evidenciado e, neste caso, pode ter existido uma associação entre o desenvolvimento das atividades e o progresso da criança na aquisição dos hábitos de higiene. Embora não possa ser assumido com

grande certeza que o progresso das crianças em relação à aquisição de hábitos de higiene tenha sido devido à intervenção realizada, pois são vários os fatores que contribuem para o desenvolvimento das crianças nesta faixa etária.

Comparando as atitudes das crianças no início do estudo, quando as atividades ainda não tinham sido desenvolvidas, e o final, pode-se concluir que as atividades parecem ter ajudado no progresso de algumas crianças em relação aos hábitos de higiene. Pois, inicialmente, as crianças não sentiam a necessidade de lavar as mãos, mesmo estando visivelmente sujas, e no decorrer da intervenção foram progredindo neste sentido, pois pediam ajuda à estagiária para lavar as mãos e algumas crianças reconheceram a necessidade da utilização do sabão, geralmente apontando para o frasco ou tentando dizer a palavra (Ver Anexo K – Nota de campo nº3 11/01/2017, Anexo L – Nota de campo nº4 18/01/2017, Anexo M – Nota de campo nº5 23/01/2017 e Anexo N – Nota de campo nº6 24/01/2017). Quando questionadas sobre como se realizava a lavagem das mãos, muitas das crianças começavam a esfregá-las uma na outra, realizando o gesto correto. Este gesto foi mostrado logo na primeira atividade, através da canção “Lava as mãos” do Panda e os Caricas, e mostra que as crianças aprendem ao imitar e assim vão desenvolvendo competências importantes no seu dia a dia (Avô, 1996, Post & Hohmann, 2011).

Em relação à questão geral de investigação - “Qual o impacto das atividades práticas na aquisição de hábitos de higiene em creche?” – o impacto das atividades práticas na aquisição dos hábitos de higiene neste grupo diferiu de criança para criança, tendo em conta a sua idade e características pessoais, mas, nalgumas crianças, como B.L., S.G., V.Q. e F.S.1. este impacto foi maior. Estas crianças já pediam para lavar as mãos apenas por verem o adulto junto ao lavatório, ou quando percebiam ter as mãos sujas, assim como percebiam que o sabão é importante na lavagem e sempre que lavavam as mãos iam ter com o adulto para as mostrar e diziam a palavra “mão”. No entanto, as crianças não manifestaram nenhuma reação mais explícita relacionada com a atividade diretamente, por exemplo, decalcar o papel. Mas sim evidenciaram a ligação à pessoa que realizou as atividades.

Ainda que as crianças sejam tão pequenas e apenas consigam compreender como se efetua a lavagem e não a sua importância para a saúde, foi possível verificar que a realização deste tipo de atividades poderá ser proveitosa para crianças em idade de

creche, talvez porque contribuem para tornar essa aprendizagem mais perceptível e concreta, além de ser uma experiência prazerosa e gratificante para os mais pequenos. Sendo que a lavagem das mãos é o método mais simples e eficaz de prevenção de doenças (DGS, 2010) e a higiene um conjunto de meios para atingir o equilíbrio na saúde, assim como um importante fator para o bem-estar, qualidade de vida e convivência social (Esteves & Anastácio, s.d.; DGS, 2015), é necessária uma intervenção com as crianças desde tenra idade para que, pouco a pouco, sejam capazes de compreender esta importância, assim como se tornem cidadãos conscientes e preocupados, tanto com a sua própria saúde como com a da comunidade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta etapa final do estudo, é necessário refletir sobre o que foi realizado, se a postura da investigadora e as atividades desenvolvidas foram as mais adequadas, assim como se as questões abordadas foram pertinentes para o tema estudado.

Tal como em todas as investigações, existiram pontos positivos e outros menos positivos do decorrer do estudo. No entanto, estes constituem uma aprendizagem constante, para que como futura educadora possa estar mais alerta e consciente para a importância dos hábitos de higiene, em particular da higienização das mãos, de modo a ajudar à promoção da saúde das crianças com que irei trabalhar, assim como da comunidade envolvente.

Embora o tema deste estudo fosse mais difícil de explorar em creche, e tendo em conta que a informação sobre a aquisição de hábitos de higiene em creche seja escassa, foi bastante importante a abordagem deste tema com crianças tão pequenas, pois permite perceber até que ponto se poderão desenvolver atividades e aprendizagens sobre hábitos de higiene para crianças entre um e dois anos de idade.

Em relação à questão de investigação principal destaca-se o facto de as crianças evidenciaram a ligação especial à pessoa que realizou as atividades, sempre que deram provas de começar a identificar situações nas quais era necessário lavar as mãos, em especial as mais velhas. No entanto, não manifestaram nenhuma reação mais explícita que permitisse relacionar esta atitude diretamente com as atividades realizadas.

Verifica-se, como referido por Post & Hohmann (2011), que entre o primeiro e segundo ano de vida, as crianças começam a querer aprender a lavar as mãos e a cara, mesmo que seja apenas pelo prazer do contacto com a água. Como nos mostram os resultados, as crianças deste grupo com pelo menos 18/19 meses conseguiram compreender no que consistia a lavagem das mãos e até evidenciaram a necessidade de utilizar o sabão.

Apesar da idade das crianças ser de apenas entre um e dois anos, e as rotinas de higiene serem momentos íntimos que promovem a relação adulto-criança, nos quais a criança participa principalmente por se sentir atraída pela água (González, 2009; Post & Hohmann, 2011), é necessário promover este hábito desde cedo, mesmo se apenas se

trate de um momento prazeroso para a criança (González, 2009), pois as mãos devem ser lavadas antes de comer ou manusear alimentos (como é o caso das crianças pequenas, que ainda pegam na comida com as mãos), após tossir ou espirrar, quando se encontrem sujas, e em diversos outros momentos (Associação Nacional de Controlo de Infecção, 2015; Esteves & Anastácio, s.d.).

A realização de atividades adaptadas a esta faixa etária e a observação atenta e o registo sistemático de atitudes, palavras, gestos ou expressões das crianças, foi a principal base de trabalho. Foi possível perceber a importância que pode ter a realização de atividades práticas com recurso a procedimentos científicos, mesmo muito simples, que tornem esses momentos de aprendizagem mais agradáveis e divertidos para a criança e que permitam estabelecer uma forte ligação com os adultos. As atividades devem ser organizadas com base no conhecimento acerca dos interesses das crianças e recorrer a personagens por elas conhecidas e músicas, contos, etc. Mas também é importante organizar atividades com uma clara intencionalidade pedagógica que as ajudem a estabelecer relações entre atividades habituais, como o uso de tintas, e os hábitos de higiene, que podem promover-se desde cedo, mesmo que apenas se trate de um momento prazeroso para a criança (González, 2009).

Apesar de na valência de Pré-Escolar serem realizadas atividades práticas no âmbito das ciências, promovendo a compreensão da importância da lavagem das mãos, não é comum a realização deste tipo de atividades com crianças na valência de creche. O Conselho Nacional de Educação salientou a necessidade urgente de linhas pedagógicas orientadoras para o trabalho pedagógico em creche, assim como a mudança de práticas. Recentemente verifica-se uma preocupação pela intencionalidade educativa no trabalho com as crianças dos 0 aos 6 anos, expresso nas novas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016). Prova disso é também a criação de um grupo de trabalho no sentido de proceder à conceção de orientações pedagógicas para crianças dos 0-2 anos de idade, numa linha de continuidade com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, através da formalização de uma parceria entre o Ministério da Educação e Ciência e o Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social (DGE, 2017).

A revisão da literatura permitiu verificar também a necessidade de orientações pedagógicas para creche e de investigações que permitam sustentar o desenho e desenvolvimento de propostas e atividades concretas.

O tempo foi uma forte limitação neste estudo. Não foi possível realizar entrevistas a mais educadoras que permitissem comparar percepções de diversos profissionais sobre a aquisição de hábitos de higiene em creche nem realizar mais atividades do mesmo tipo com este grupo de crianças. Uma intervenção mais prolongada proporcionaria uma investigação mais ampla e aprofundada e permitiria acompanhar durante mais tempo a evolução das crianças.

Também valorizaria o estudo não só ter todas as respostas dos encarregados de educação como também ter tido oportunidade de falar com os pais das crianças para os questionar acerca de possíveis diferenças nas atitudes dos seus filhos antes e depois do desenvolvimento das atividades sobre higienização das mãos e, inclusivamente, verificar se tinham feito alguma alusão às atividades realizadas.

A repetição deste estudo com crianças do pré-escolar seria bastante interessante, pois poderia ser observada a diferença por serem crianças mais velhas e com uma maturidade e capacidades diferentes.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Avô, A. (1996). *O Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Texto Editora
- Baranita, I. (2012). *A Importância do Jogo no desenvolvimento da Criança*. Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa
- Bardin, L. (1997). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Dourado, L. (2001). *Trabalho Prático (TP), Trabalho Laboratorial (TL), Trabalho de Campo (TC) e Trabalho Experimental (TE) no Ensino das Ciências - contributo para uma clarificação de termos*. In *Ensino Experimental das Ciências – (Re)pensar o Ensino das Ciências* (pp. 13-18). Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Ministério da Educação: Departamento do Ensino Secundário.
- Eichmann, L. (2014). *As Rotinas na creche: A sua importância no Desenvolvimento Integral da criança dos 0 aos 3 anos*. Dissertação de Mestrado em Educação Pré-Escolar. Escola Superior de Educação de Portalegre. Instituto Politécnico de Portalegre.
- Esteves, I. & Anastácio, Z. (s.d.). *Promoção da Saúde entre Crianças de Jardim-de-Infância*. Instituto de Educação – Universidade do Minho, Braga, Portugal
- Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes*. Porto: Porto Editora.
- Fortin, M. (2000). *O Processo de Investigação: da concepção à realização*. (2ª edição). Loures: Lusociência
- González, F. (2009). *Educación para la Salud de 0 a 6 años*. In *Cuadernos de Educación y Desarrollo*. Vol.1, nº5 (Julho 2009). Consultado a 8 de fevereiro em <http://www.eumed.net/rev/ced/05/fbg.htm>
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Coleção Infância. Porto: Porto Editora.

Militão, M. (2011). *Higienização de utensílios alimentares em estabelecimentos de ensino pré-escolar: um estudo em duas instituições de ensino*. Dissertação de Mestrado em Ambiente, higiene e segurança em meio escolar. Escola Superior de Tecnologia da Saúde do Porto. Instituto Politécnico do Porto.

Pedrosa, M. (2001). *Ensino das Ciências e Trabalhos Práticos – (Re)Conceptualizar . . .*. In *Ensino Experimental das Ciências – (Re)pensar o Ensino das Ciências* (pp. 19-34). Departamento de Química, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Ministério da Educação: Departamento do Ensino Secundário.

Post, J. & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bébés em Infantários: Cuidados e Primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (4ª edição).

Seves, A. (2015). *Rotinas: Momentos de Transição em Creche e Jardim-de Infância*. Dissertação de Mestrado em Educação Pré-Escolar. Instituto Politécnico de Setúbal.

Yin, R. (2011). *Qualitative Research from Start to Finish*. New York: The Guilford Press

## OUTRAS FONTES

Associação Nacional de Controlo de Infecção (2015). Higiene das Mãos. Consultado a 7 de fevereiro de 2017 em <http://www.anci.pt/higiene-das-m%C3%A3os>

Ciência em Três - Instituto Gulbenkian da Ciência (2017). *Mãos Limpas, Corpo Saudável*. Consultado a 10 de fevereiro de 2017 em <http://ce3.igc.gulbenkian.pt/atividades/maos-limpas/>

Conselho Nacional de Educação (2010). *Educação das crianças dos 0 aos 3 anos*. Actas do Seminário realizado no CNE em 18 de Novembro de 2010. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

Direção-Geral da Educação (2017). *Notícias Educação de Infância*. Consultado a 6 de fevereiro de 2017 em <http://www.dge.mec.pt/noticias-educacao-de-infancia>

Direção-Geral da Saúde (14 de junho de 2010). *Circular Normativa nº13/DQS/DSD*. Orientação de Boa Prática para a Higiene das Mãos nas Unidades de Saúde. Lisboa: Ministério da Saúde. Direção-Geral da Saúde.

Direção-Geral da Saúde (12 de agosto de 2015). Norma nº015/2015. *Programa Nacional de Saúde Escolar 2015*. Lisboa: Ministério da Saúde. Direção-Geral da Saúde

Direção-Geral da Saúde (2017). Campanha Nacional de Higiene das Mãos. Departamento da Qualidade na Saúde. Consultado a 17 de fevereiro de 2017 em <http://www.dgs.pt/ms/8/default.aspx?pl=&id=5521&acess=0&codigono=001100150046AAAAAAAAAAAA>

Global Handwashing Partnership (2015). *Homepage*. Consultado a 8 de fevereiro de 2017 em <http://globalhandwashing.org/>

Ministério da Educação (2009). *Terceira Convenção Europeia de Escolas Promotoras de Saúde – Declaração de Vilnius*. Vilnius, Lituânia

Ministério da Educação (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério de Educação/Direção-Geral da Educação.

World Health Organization (1986). *The Ottawa Charter for Health Promotion*.  
Consultado a 13 de fevereiro de 2017 em  
<http://www.who.int/healthpromotion/conferences/previous/ottawa/en/>

## **ANEXOS**



## **Anexo A – Guião da Entrevista**



Blocos temáticos	Objetivos	Formulário de questões
Legitimação da entrevista	- Legitimar a entrevista	- Agradecer a colaboração - Informar o assunto e os objetivos da entrevista
Dados profissionais e metodologia de trabalho	- Conhecer a formação profissional da educadora - Saber qual a(s) metodologia(s) de trabalho que utiliza	- Qual a sua formação profissional? - Qual a(s) metodologia(s) pedagógicas que utiliza?
Caraterísticas do grupo	- Conhecer o grupo de crianças - Identificar os interesses e comportamentos do grupo	- Quais são os principais interesses/gostos do grupo? - Em termos de comportamento, como descreve este grupo?
Caraterísticas das crianças	- Conhecer cada criança do grupo ao nível de desenvolvimento de aprendizagens e familiar	- Qual a constituição sócio-familiar e a idade de cada criança? - Quais são, se existentes, as dificuldades de aprendizagem/desenvolvimento de cada criança?
Hábitos de Higiene na sala	- Conhecer a rotina da sala  - Conhecer a forma como é desenvolvido o tema da higiene  - Conhecer as dificuldades habituais das crianças e deste grupo na aquisição de hábitos de higiene  - Conhecer as estratégias e atividades para implementar/promover os bons hábitos de higiene  - Conhecer estratégias para promover autonomia das crianças relativamente aos hábitos de higiene	- Qual a rotina existente na sala? - Quais as dificuldades que surgem nesta idade relativamente à aquisição de hábitos de higiene? - Quais as dificuldades específicas deste grupo? - Quais as estratégias/atividades que realiza para ultrapassar estas dificuldades? (habitualmente e neste grupo) - De que forma promove a autonomia das crianças quanto aos hábitos de higiene?



## **Anexo B – Questionário aos pais**





### Inquérito por questionário aos pais

Olá Pais,

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, e sendo que existe um protocolo entre o ISEC e a Instituição X, eu, Daniela Rema, estagiária da sala de um ano da Instituição X, venho por este meio solicitar a vossa colaboração no preenchimento do seguinte questionário. O presente questionário diz respeito a um trabalho de investigação que serve de base para um estudo sobre os Hábitos de higiene e a importância da higienização das mãos. Através deste questionário pretendo recolher informação acerca dos hábitos de higiene do(a) seu/sua filho(a). Sendo que o seu/sua filho(a) frequenta a sala de um ano da Instituição X, solicito e agradeço a vossa colaboração para o preenchimento do questionário.

Agradeço que responda de forma honesta e a todas as questões.

O questionário é anónimo.

Obrigada pela vossa colaboração.

#### 1. Dados Pessoais:

##### 1.1. Género:

Feminino  Masculino

##### 1.2. Faixa etária:

18 – 25 anos  26 – 40 anos  41 – 60 anos  Mais de 61 anos

##### 1.3. Habilitações literárias:

1º Ciclo  2º Ciclo  3º Ciclo  Secundário

Licenciatura  Mestrado  Doutoramento  Outro  Qual? \_\_\_\_\_

##### 1.4. Idade do/a seu/sua filho(a) (em meses):

\_\_\_\_\_

A questão 2 diz respeito aos **hábitos de higiene da criança**.

**2. Situações em que o(a) seu/sua filho(a) costuma lavar as mãos:**

(Por favor, assinale com X apenas uma opção em cada situação)

	1-Nunca	2-Raramente	3-Algumas vezes	4-Frequentemente	5-Sempre
2.1. Depois de ir à casa de banho					
2.2. Antes das refeições					
2.3. Depois das refeições					
2.4. Quando estão sujas					
2.5. Outras: _____					

A questão 3 diz respeito ao grau de autonomia da criança nos hábitos de higiene.

**3. O(a) seu/sua filho(a):**

(Por favor, assinale com X apenas uma opção em cada situação)

	1-Nunca	2-Raramente	3-Algumas vezes	4-Frequentemente	5-Sempre
3.1. Lava as mãos quando vê o adulto fazer o mesmo					
3.2. Pede ajuda ao adulto para lavar as mãos					
3.3. É necessário chamar à atenção para que lave as mãos					
3.4. Lava as mãos espontaneamente					
3.5. Lava as mãos sozinho(a)					

## **Anexo B – Plano do Questionário**



Blocos temáticos	Variáveis	Objetivos	Itens	Escala de Medida	Exemplos
A) Dados pessoais	a.1) Género a.2) Idade a.3) Habilitações literárias a.4) Idade do filho/a (em meses)	1. Caracterizar a população inquirida	1 (1.1, 1.2, 1.3, 1.4)	- Assinale com um “X” na resposta que mais se adequa à sua situação	- F ou M - Ensino Secundário, Licenciatura, Mestrado
B) Hábitos de higiene da criança	b.1) Identifica rotinas b.2) Situações ocasionais	1. Averiguar se as crianças identificam as situações em que devem lavar as mãos	2 (2.1, 2.2, 2.3, 2.4, 2.5)	- Escala de Likert (5 pontos) – escala de frequência (Nunca, raramente, algumas vezes, frequentemente, sempre)	- Lava as mãos depois de ir à casa de banho - Lava as mãos antes das refeições - Lava as mãos depois das refeições
C) Grau de autonomia da criança nos hábitos de higiene	c.1) Ações espontâneas c.2) Necessita aviso c.3) Necessita apoio	1. Compreender o grau de autonomia das crianças com base na realização de ações simples relativas aos hábitos de higiene	3 (3.1, 3.2, 3.3, 3.4, 3.5)	- Escala de Likert (5 pontos) – escala de frequência (Nunca, raramente, algumas vezes, frequentemente, sempre)	- É necessário chamar à atenção para que lave as mãos - Lava as mãos quando vê o adulto a fazer o mesmo



## **Anexo D – Procedimentos da Atividade 2**



## **ATIVIDADE 2**

(Introduzir através do vídeo musical do Panda e Os Caricas)

Objetivos: Compreender o conceito de sujeidade; Perceber que para uma lavagem correta das mãos é necessário sabão

### Procedimentos:

1. Sujam as mãos com tinta
2. Lavam as mãos só com água durante cinco segundos (aproximadamente) e escorrem
3. Calcam as mãos na metade superior de uma folha de papel identificada com o nome da criança
4. Verificam se as mãos estão sujas de tinta
5. Repetem lavagem **com sabão** e escorrem
6. Calcam as mãos novamente na metade inferior da folha de papel e verificam se estão limpas



## **Anexo E – Grelha de Observação da atividade 2**



	B.L.	C.F.	F.C.	F.S.1	F.S.2	G.R.	M.S.	M.F.	S.L.	S.G.	V.Q.
Identifica necessidade de lavar as mãos	X			X			X		X	X	
Identifica a necessidade de utilizar sabão	X			X						X	
Grau de autonomia manifestado: A criança coloca as mãos por baixo da torneira	X	X		X	X		X		X	X	
Grau de autonomia manifestado: A criança esfrega as mãos uma na outra	X			X			X			X	



## **Anexo F – Transcrição da Entrevista**



**Então pronto...aa (pausa) queria-lhe agradecer pela entrevista, é mais..vou falar um pouco sobre a sua formação e etc. e depois a parte dos hábitos de higiene, como já tínhamos falado...aa (pausa) e então fale-me um pouco sobre si, qual é a sua formação profissional?**

Aa (pausa)...eu tirei o curso em...terminei em 94 o bacharelato em Educação de Infância na Escola Superior Maria Ulrich...de Educação Maria Ulrich e pronto e depois em 2001 (pausa) 2005 fui fazer o complemento de formação pra ter o grau de licenciatura que fiz no ISEC...aa (pausa) o complemento de formação foi em necessidades educativas especiais...e foi a minha formação “pralém” de outras formações depois que vou fazendo ao longo do percurso, mas a formação de base é essa.

**E as metodologias? Utiliza alguma?**

Eu não sou adepta de uma só metodologia, eu acho que é importante nós irmos buscar coisas que nós achamos e que se adapta à realidade em que nós estamos não é, porque depois temos de ter muito em conta o colégio e o nosso aa (pausa) o local onde estamos a trabalhar, gosto muito mais de trabalhar numa aa (pausa) ou ir buscar coisas um bocadinho de cada metodologia, gosto de uma pedagogia de situação, de as coisas...de uma pedagogia ativa, do partir do real, do concreto pra depois trabalhar todos os temas com eles, e pegar, não nestes mais pequeninhos agora, mas depois conforme eles vão crescendo, pegar nos interesses que eles têm e a partir daí desenvolver aa(pausa) também uma pedagogia de projeto, que nos mais velhos é mais fácil do que nos pequeninhos, porque aqui é partir muito de objetos reais, tu tens visto aa (pausa) até agora não é nós pegamos muito em coisas concretas e trabalhamos com eles, o explorar, o sentir, o eles puderem ter as coisas na mão e sentir, porque depois eles, a forma que eles têm de exteriorizar é essa mesma, é através do tato, através das expressões deles porque a parte da comunicação ainda é muito, ainda passa muito por aí. Conforme vão crescendo eu gosto muito de fazer trabalho por...uma pedagogia de projeto, que a gente vai construindo a partir do que vamos descobrindo vamos procurando outras coisas e (pausa) pronto vamos realizando determinados projetos com eles, de acordo com o interesse do grupo e às vezes mesmo do próprio tema do projeto da escola.

**E em termos de gostos ou interesses deste grupo? Apesar de eles serem tão pequeninos são capazes de ter uma ou outra coisa que...**

(Pausa) É assim eu acho que eles nesta fase não se consegue definir muito bem aa (pausa) um gosto, eles gostam muito da parte da música, do cantar, de ter gestos, de aa (pausa) pra eles qualquer coisa que muito ás vezes que dê pra eles imitar e pra eles fazerem gestos, porque não consigo neste momento dizer exatamente um gosto, é assim eles têm vários momentos em que eles vão explorando várias coisas...não há...olha adoram isto. Há coisas que eles gostam mais se calhar do que outras, mas ainda é muito difícil essa perceção...

**Sim até porque vão pela imitação lá está.**

Exatamente e por exemplo a música é uma coisa que eles gostam porque têm melodia, porque nós fazemos gestos e procuramos canções que tenham gestos e eles vão identificando e vão..imitando aquilo que nós vamos fazendo, é mesmo por exemplo os mais velhos, claro que os mais novos ainda ficam muito na parte do observar e às vezes até parecem um bocadinho alheios mas às vezes a experiência que eu tenho é que parece que eles tão alheios mas depois a determinada altura sai qualquer coisa que tinha haver com alguma coisa que tu trabalhas-te e te diz “olha realmente ficou lá qualquer coisa”.

**Sim provavelmente vão assimilando ao longo do tempo.**

Claro vão acumulando (risos)

**E em termos de comportamento? pelo menos a mim parece-me um grupo calmo relativamente à sua idade...**

Sim, é assim há sempre comportamentos mais marcantes dentro do grupo e tu tens visto isso não é aa (pausa) claro que aqui nós, o objetivo não é que eles sejam todos alunos bem comportados porque não é esse de todo o objetivo (risos) aa (pausa) nós não tamos a trabalhar para máquinas e que eles têm que...mas há comportamentos que têm de se ajustar à realidade em que tamos não é e pronto, é assim não acho que haja nenhum comportamento desviante, mesmo aqueles que são mais irrequietos, são mais teimosos, isto faz parte da personalidade deles, temos é que ir limando aqui e ali para eles se irem enquadrando de uma forma adequada às rotinas porque se (pausa) não podemos deixar avançar determinados comportamentos porque se não às tantas já não conseguimos dar...dar...

**Torna-se muito repetitivo e...exato.**

## **E em termos de dificuldades? Se existem algumas dificuldades de desenvolvimento?**

É assim neste momento a única...o que eu acho que em termos de desenvolvimento se calhar tá um bocadinho atrás do aa(pausa) talvez o M.F. mas é assim aa(pausa) mas não, eles não têm todos compor...não têm todos o seu nível de desenvolvimento apesar de serem todos dentro da mesma faixa etária cada um acaba por ir tendo o seu ritmo e cada um aa(pausa) já passei por experiências em que tive meninos como o M.F. e que não andavam por exemplo aos 13, 14 meses e andaram aos 16, 17 e pronto e são crianças perfeitamente normais, isto é um bocadinho a gente ter que ir, vamos trabalhando mas também temos que ir respeitando o ritmo de cada um, claro que temos de ir trabalhando e temos que ir insistindo porque também só assim é que a gente vê se há progressos, se não há progressos porque pode sempre haver qualquer coisa que não esteja dentro dos ditos parâmetros aa(pausa) normais ou dentro da faixa etária, mas é assim neste momento eu acho que pronto, apesar de ele ser mais velho que alguns que já fazem 1, de ele ser mais velho do que o F.S.1, do que o G.R. e não gatinhar, não acho ainda neste momento que seja assim uma coisa descabida de todo pronto (pausa) convinha aguardar uns meses a passar e eu acho que ele aí vai (pausa) pronto...é como te digo pode sempre surgirem crianças que depois se deteta isto ou aquilo mas acho que também é importante dar-lhe tempo porque não é porque toda a gente começa a andar aos 11 ou 12 ou 13 meses que todos têm que andar...

### **Às vezes uns mais cedo outros mais tarde.**

Eu tenho a minha experiência por exemplo como mãe, a mais velha começou a andar com 11 meses, o segundo começou a andar com 15 meses, quase 16 meses portanto aa(pausa) e depois tornou-se e é logo a criança perfeitamente normal (risos) mas pronto a parte do andar, da locomoção motora aquilo foi um bocadinho difícil aa(pausa) pra ele mas...portanto é por isso que eu acho que pronto mesmo insistindo com o M.F. aa(pausa) irmos fazendo algum trabalho com ele às tantas ele precisa de ir criando e ter o espaço dele e...

**Depois em termos de rotinas da sala, já percebemos um pouco qual é, pronto da parte do estágio já percebi mais ou menos qual é a rotina aa(pausa) mas em relação à aquisição dos hábitos de higiene? Há assim alguma dificuldade que surja nesta idade na aquisição dos hábitos?**

Não é assim, é como te digo por exemplo o ano passado eles no...pronto tão no berçário pronto, têm a bancada, fazem tudo na bancada, lavam as mãos não sei quê aa(pausa) este ano a grande novidade para eles, e tu não tavas cá no início do ano, foi quando começámos a ir à casa de banho lavar as mãos aa(pausa) depois das refeições e pra eles aquilo foi vibrante, os pais mesmo no início do ano comentaram comigo depois já na reunião de pais que nós tivemos no final de setembro, isto começou logo no início e eles diziam pois porque eles agora só querem ir para o bidé, porque é o sítio onde eles chegam, mexer nas torneiras para lavar as mãos e tu vês eles gostam de lavar as mãos, gostam de ir de ir mexer na água porque é um elemento que os atrai...

**É novo.**

É novo não é e eles gostam de ir lavar as mãos, é assim na sala de 1 ano nós ainda não lavamos as mãos aa(pausa) antes, isto vêm um bocadinho aqui se calhar deveria-se de alterar a rotina e também lavarem antes e depois, na sala dos 2 anos eles já fazem os 2 percursos, também porque a maior parte deles, como não comem às vezes ainda sozinhos, mas pronto, pra já neste momento tá só depois das refeições (risos)

**Também porque o maior prazer pra eles agora é o mexer na água e não tanto o interiorizarem a importância.**

Sim sim, eu acho que eles ainda não percebem muito bem que lavam porque sujam as mãos aa(pausa) se calhar quando fazemos pintura percebem muito mais isso do que com as das refeições não é porque tá sujo se meterem as mãos eles percebem que que que...

**Exato será mais por aí, por eles perceberem que tá sujo e que têm que lavar.**

Tá sujo e que têm de lavar e que vai sujar no outro lado e eu acho que eles com a comida não têm tanto essa perceção porque eles fazem tudo às vezes muito com as mãos e...

**Claro, é tudo sensorial.**

Exatamente, portanto, eu acho que aa(pausa) o terem consciência de que é um hábito de higiene eles ainda não têm não é, é um bocadinho eles irem interiorizando isso e era aquilo que tu dizias quer dizer, na sala dos 2 anos eles já, eu acho que eles começam a ter alguma perceção, alguma perceção, nos 3 anos é muito mais claro

**Já é muito mais fácil.**

Não é porque eles já têm uma compreensão muito maior e tu explicas aa(pausa) normalmente nós dizemos às vezes olha porque depois ficam bichinhos nas mãos, porque são os micróbios porque...eles já conseguem ter uma perceção que neste momento...(risos)

**E há alguma forma que a Bela promova a autonomia em relação à higiene? Ou aos hábitos de higiene?**

Sim eles nessa questão, nesta sala vá eles ainda não, a autonomia é assim eles vão até ao lavatório mas depois o lavar sozinho, talvez mais só pro final do ano aa(pausa) eu abra a torneira e eles próprios já, porque também depois a altura deles em relação à bancada, apesar de nós termos os banquinhos pra eles estarem, mas eles neste momento, pra eles não é lavar as mãos, é explorar ali a água mas a pouco e pouco pronto, e eles mesmo por exemplo na sala dos 2 anos nós já abrimos a torneira e eles já vão lavando as mãos, não lavam como nós lavamos mas pronto, já vão lavando as mãos às vezes muitas vezes sozinhos, abrimos a torneira, eles põe-se no banquinho e...

**Eu notei, por exemplo, que o F.S.1 e o V.Q. já tentaram ir ao lavatório às vezes esticar a mão, também já são mais velhinhos.**

E às vezes até, porque já perceberam que...exatamente porque se nós formos a ver, por exemplo alguns dos da Sónia, da sala do 2 anos, são quase da idade do F.S.1, o F.S.1 é de fevereiro, ela tem meninos de dezembro portanto, é a diferença nos grupos, uns serem do início do ano...

**Claro, pronto Bela era só isto, não sei se queria acrescentar alguma coisa...**

Não estou muito satisfeita, gosto disso (risos)

**Ok, então obrigada, obrigada.**

Ok, pronto se precisares de mais alguma coisa

**Então ficamos por aqui.**



## **Anexo G – Dicionário de Categorias**



<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplos de UR</b>
1. Caraterização da entrevistada*	1.1. Formação em Educação de Infância	Bacharel na ESEI Maria Ulrich e licenciada pelo ISEC	“eu tirei o curso em 94 o bacharelato em Educação de Infância na Escola Superior Maria Ulrich...de Educação Maria Ulrich” [linhas 5 e 6]
	1.2. Metodologia eclética	Utiliza diversas metodologias, gosta de uma pedagogia de situação	“[Relativamente ao seu método de trabalho] acho que é importante nós irmos buscar coisas que nós achamos e que se adapta à realidade em que nós estamos” [linhas 12 e 13]
2. Grupo*	2.1. Perceção de um gosto ainda é difícil nesta faixa etária	Não é possível definir um gosto nesta idade. As crianças vão explorando várias coisas.	“é assim eles têm vários momentos em que eles vão explorando várias coisas...não há...olha adoram isto. Há coisas que eles gostam mais se calhar do que outras, mas ainda é muito difícil essa perceção...” [linhas 35 a 38]
	2.2. Interesses pelas expressões	O grupo interessa-se por canções, gestos e imitação.	“por exemplo a música é uma coisa que eles gostam porque têm melodia, porque nós fazemos gestos e procuramos canções que tenham gestos e eles vão identificando e vão..imitando aquilo que nós vamos fazendo” [linhas 40 a 42]
	2.3. Os mais novos focam-se na observação e assimilação	Ficam a observar e parecem alheios, mas vão assimilando e acumulando o conhecimento.	“claro que os mais novos ainda ficam muito na parte do observar e às vezes até parecem um bocadinho alheios” [linhas 43 e 44]

	2.4. Comportamentos expectáveis com flutuações pontuais	Não existe nenhum comportamento desviante, mas há comportamentos mais marcantes, que vão sendo ajustados.	“mesmo aqueles que são mais inquietos, são mais teimosos, isto faz parte da personalidade deles” [linhas 56 e 57]
	2.5. Desenvolvimento típico com poucas preocupações	Apesar de uma das crianças se encontrar um pouco “atrás”, não levanta preocupações e há que respeitar o ritmo de cada uma.	“já passei por experiências em que tive meninos como o M.F. e que não andavam por exemplo aos 13, 14 meses e andaram aos 16, 17 e pronto e são crianças perfeitamente normais” [linhas 68 a 70]
3. Aquisição de hábitos de higiene (rotinas, autonomia e compreensão)*	3.1. A exploração da água como um novo elemento	É novidade para as crianças, por isso gostam de tocar na água e explorar.	“este ano a grande novidade para eles, e tu não tavas cá no início do ano, foi quando começámos a ir à casa de banho lavar as mãos aa(pausa) depois das refeições e pra eles aquilo foi vibrante” [linhas 96 a 98]
	3.2. Rotina de lavagem das mãos	Na sala de 1 ano ainda não lavam as mãos antes das refeições, apenas depois, porque a maior parte das crianças ainda não comem sozinhas	“também porque a maior parte deles, como não comem às vezes ainda sozinhos, mas pronto, pra já neste momento tá só depois das refeições (risos) [a lavagem das mãos]” [linhas 107 e 108]
	3.3. Ausência da compreensão da importância da lavagem das mãos	As crianças ainda não compreendem bem que lavam as mãos porque estão sujas, devido à faixa etária.	“Sim sim, eu acho que eles ainda não percebem muito bem que lavam porque sujam as mãos” [linhas 111 e 112]
	3.4. Compreensão da importância da higiene nos mais velhos	A partir dos 2 anos já têm maior percepção da importância da lavagem das mãos.	“e era aquilo que tu dizias quer dizer, na sala dos 2 anos eles já, eu acho que eles começam a ter alguma percepção” [linhas 121 a 123]

---

3.5. Pouca autonomia na lavagem das mãos

As crianças apenas se dirigem ao lavatório, mas talvez no final do ano já tenham mais autonomia ao lavar as mãos.

“Sim eles nessa questão, nesta sala vá eles ainda não, a autonomia é assim eles vão até ao lavatório” [linhas 131 e 132]

3.6. A autonomia na lavagem das mãos aumenta nas crianças mais velhas

Na sala dos 2 anos muitas crianças já lavam as mãos sozinhas ou com pouca ajuda. Duas das crianças de um ano já compreendem melhor a lavagem, pois são um pouco mais velhas.

“e eles mesmo, por exemplo, na sala dos 2 anos nós já abrimos a torneira e eles já vão lavando as mãos, não lavam como nós lavamos mas pronto, já vão lavando as mãos às vezes, muitas vezes sozinhos, abrimos a torneira, eles põe-se no banquinho e...” [linhas 135 a 138]

---

\*categorias definidas *a priori*

---



**Anexo H – Relatório Diário 22/11/2016**



# Relatório Diário (de observação da prática educativa)

22/11/2016

Aluno: Daniela Rema grupo: 1 ano

1. Situações de aprendizagem/rotinas observadas		2. Áreas de Conteúdos domínios e subdomínios abordados
<b>Horas</b>		
<b>8h30</b>	Acolhimento	Formação Pessoal e Social
<b>9h</b>	Brincadeira livre	Formação Pessoal e Social
<b>9h30-10h30</b>	Bom dia Atividade de pintura e moldagem (mãos) Lanche (bolacha Maria)	Formação Pessoal e Social; Expressão e Comunicação: Artes Visuais; Conhecimento do Mundo
<b>10h30-11h</b>	Brincadeira livre/higiene/recreio (noutra sala)	Formação Pessoal e Social
<b>11h-13h</b>	Almoço/higiene	Formação Pessoal e Social
<b>13h-15h</b>	Repouso	Formação Pessoal e Social
<b>15h-17h</b>	Higiene/lanche/higiene/atividades livres	Formação Pessoal e Social
<b>3. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)</b>		
<b>Estagiário</b>		<b>Alunos/Crianças</b>
		Depois de a educadora lavar as mãos e a cara a V.Q., a criança veio, contente, ter comigo e mostrou as mãos a sorrir e disse “mão”.
<b>5. Análise e Reflexão</b>		
<p>Hoje durante o acolhimento, V.Q. recolheu diversas peças de encaixe que representavam animais, e entregou-mas, tentando identificá-las. Fui-lhe dizendo o nome dos animais, assim como o som, no entanto já reconhecia o cão, o gato, o pato e a vaca, incluindo o seu som.</p> <p>Por volta das 9h fomos para a sala e as crianças brincaram livremente com legos grandes. A educadora iniciou a atividade planeada por volta das 9h45, mostrando uma pintura rupestre com mãos (de uma gruta na Argentina). Perguntou às crianças onde estavam as suas mãos, e depois perguntou para que é que estas serviam, dando pistas como, para bater palmas, para fazer “festinhas”, e cantou uma música sobre as mãos. Realizou várias ações para o grupo imitar: bateu com as mãos no chão, pôs as mãos no ar, fez “festinhas” na cara, fingiu que comia, bateu com as mãos na barriga, nas pernas e na cabeça. De seguida, deu ao grupo uma folha grande de papel pardo para que explorassem, amachucando e fazendo barulho com o papel. Depois chamou os meninos para pintar a sua mão e estampar numa folha grande castanha, no entanto apenas S.L. e V.Q. quiseram realizar o trabalho, pois as outras crianças não queriam tocar na tinta apesar das tentativas por parte dos adultos para que estas fossem. Também mexeram em massa de moldar, explorando à sua vontade, apenas S.G. não quis tocar, M.F. chorou quando o fizeram tocar na massa, M.S. tocou na massa depois de muitas tentativas de chamar a criança, assim como F.S.1,</p>		

que inicialmente não queria tocar, mas depois explorou bastante. Apenas B.L., S.L. e V.Q. fizeram o molde da sua mão, pois os restantes não quiseram; a educadora irá fazer uma nova tentativa. No final da atividade, a educadora e assistente de sala lavaram as mãos às crianças. Apesar de tudo as crianças divertiram-se, pois exploraram um novo material e uma textura diferente e estranha, sendo que para uns foi apelativa e para outros, repulsiva.

Depois da atividade as crianças comeram uma bolacha maria, foram para o “recreio” (noutra sala) e fizeram a higiene. Depois do almoço, fizeram novamente a higiene e foram dormir.





Iniciei a atividade quando a educadora chamou os meninos para a sala, depois da hora do acolhimento. Todos se sentaram no tapete, muito bem comportados, e comecei por cantar a canção do “Bom Dia”, já conhecida do grupo, e mostrei o vídeo da música “Lava as mãos” do Panda e Os Caricas, o grupo adorou, imitou o gesto de lavar as mãos, que eu e a educadora íamos fazendo ao longo da música, a educadora abriu a torneira para que ouvissem e vissem a água a correr e mostrou o frasco de sabão, dizendo a palavra “sabão”; depois de mostrar o vídeo 4 vezes, a pedido das crianças, coloquei um pouco de tinta na mesa e chamei os meninos para que pudessem explorar à sua vontade. À medida que cada um saía da mesa, fui lavando as mãos a cada um, dizendo que primeiro lavamos com água, depois com sabão e mostrei a espuma nas suas mãos, para que conseguissem perceber.







Enquanto esperava pela assistente operacional e pela educadora, para levarmos as crianças para outra sala (para a atividade de Dança/Teatro), perguntei ao grupo como se lavava as mãos, para perceber se tinham retido alguma coisa da atividade da semana passada. Para minha surpresa, F.S.1, C.F., B.L., S.L. e S.G. esfregaram as mãos (gesto ensinado na canção “Lava as mãos” do Panda e os Caricas) e F.S.2 também realizou o gesto, mas por imitação, porque não esteve presente na atividade. Perguntei o que era preciso para lavar as mãos e F.S.1 foi até ao lavatório, disse “água”, eu repeti, “água e sabão” e mostrei o sabonete líquido. A criança voltou a repetir o gesto e tentou dizer “sabão”, assim como S.L.

Fiquei bastante feliz, pois, à partida, as crianças ainda não compreenderiam a lavagem das mãos devido à faixa etária, mas parecem ter retido alguma informação, apesar de não serem capazes de compreender a importância deste hábito de higiene.







A atividade começou bem, apesar de uns pequenos problemas funcionais no tablet, que se resolveram. As crianças gostaram bastante da canção “Lava as mãos”, que conheceram a semana passada, e pediram para repetir 3 vezes. Quando coloquei a tinta na mesa, fui realizando a atividade individualmente, e fui percebendo que grande parte das crianças não conseguia perceber a necessidade do sabão, à exceção de B.L, S.G. e F.S.1. No entanto, S.G. e F.S.1 não realizaram a atividade tal e qual a planeei, pois não quiseram tocar na tinta, como já tinha acontecido anteriormente; em vez disso, perguntei-lhes se queriam lavar as mãos, e lavaram corretamente, esfregaram as mãos e notaram a falta do sabão, pois apontaram para o frasco. À exceção de M.F. e G.R., que são dos mais novos, e não conseguiram compreender a lavagem das mãos, precisamente por esse motivo; as restantes crianças colocam as mãos por baixo da torneira e percebem melhor como se realiza a lavagem.

B.L. quando lavou as mãos depois do almoço, veio ter comigo contente e mostrou as mãos, apontando para a educadora, que lhas lavou.







Hoje realizei a atividade intencional que teve como tema o inverno. Cantei a canção “Chegou o inverno” e as crianças mostraram-se atentas e reproduziram alguns dos meus gestos. De seguida, mostrei às crianças alguns gorros e luvas, perguntei onde se colocavam e perguntei se queriam colocar, F.S.1 respondeu prontamente que sim, assim como B.L. e V.Q.. Experimentámos os gorros, as luvas, perguntamos onde estava o seu pé, a sua mão, e a cabeça.

De seguida, coloquei os elementos em cartolina em cima da mesa (gorro, casaco, botas e luvas) e 2 a 2, as crianças foram pintando com a técnica de esponja. Após a minha demonstração, todas as crianças, à exceção de M.F. e G.R. utilizaram corretamente a esponja. Mostrei novamente a G.R. e, depois de tentar, a criança fez o movimento para baixo e para cima, pintando com a esponja.

No final, B.L. (19 meses) e V.Q. (19 meses) pediram-me logo para lavar as mãos, dizendo “mão” e colocando-as para cima, andaram em direção ao lavatório. F.S.1 (23 meses) e S.G. (20 meses), assim que me viram junto ao lavatório também quiseram lavar. Estas crianças já sabem como se efetua a lavagem, apontam para o sabão, pois sabem que este é necessário. B.L. e F.S.1 disseram “bão” para além de apontarem para o sabão. S.L. (16 meses) também quis lavar, mas pareceu ser apenas porque gosta bastante de água, tentou chapinhar no lavatório e disse diversas vezes “água”. M.S. (22 meses) também apontou para o sabão quando lhe perguntei o que faltava e lhe dei uma indicação. C.F. (18 meses) não reconheceu a necessidade de usar o sabão, mas estica as mãos debaixo da torneira. M.F. (14 meses) e G.R. (13 meses) apenas desfrutaram da lavagem, por mexerem na água. F.S.1 tentou abrir a torneira novamente.

A atividade correu bastante bem; no momento de brincadeira, S.G., F.S.1 e M.S. foram buscar os gorros e colocaram na sua cabeça; M.S. trouxe 2, um para ela e outro para colocar no seu bebé (nenuco), sentando o boneco no seu colo e fingindo que lhe lia uma história.

Depois do almoço, na altura da higiene das mãos e cara, B.L. veio ter comigo muito contente, mostrou as mãos, disse “mão” para indicar que a educadora lhas tinha lavado. Lavei as mãos a V.Q., este tentou abrir a torneira, e apontou para o sabão, reconhecendo a sua utilização.







Durante a manhã, estava a lavar as mãos e S.L. e V.Q. viram. S.L. disse “mão” e agarrou-se ao lavatório, e perguntei a V.Q. como se lavava as mãos e a criança esfregou-as, depois mostrei o frasco e sabão e perguntei o que era e tanto V.Q. como F.S.1 tentaram dizer a palavra, apenas disseram “ão”. Depois de almoço, quando a educadora lavou as mãos a B.L., a criança, novamente, veio ter comigo e disse “mãos”, mostrando-me as suas mãos. Estas evidências provam que as atividades que tenho realizado no âmbito da higiene foram compreendidas pelas crianças, umas melhor que outras, mas mesmo assim verifica-se uma grande evolução.







Hoje a educadora cooperante realizou uma atividade de pintura com gelo corado (com corantes alimentares), não conhecia esta técnica e achei bastante engraçado e criativo. No final da atividade, B.L. disse “mão” e pediu-me para as lavar, perguntei à criança se tinha as mãos sujas e esta respondeu-me que sim, assim como F.S.1. Quando a educadora pediu para o gupo se sentar, B.L. foi ter com ela e apontou para a zona suja da mão. Quando lavei as mãos a C.F. (18 meses) disse à criança para as esfregar e fiz o gesto, esta repetiu o gesto, apontou para o sabão e abriu a torneira. C.F. não compreendia a importância da utilização do sabão mas hoje houve uma evidência do começo da sua compreensão. Depois do almoço, na lavagem das mãos, V.Q. levantou-se e disse “mão” dirigindo-se para a casa de banho.

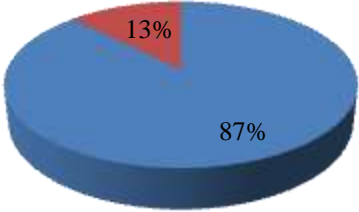


## **Anexo O - Gráfico 1 – Idade dos pais**



# Idade dos pais

■ 26-40 anos ■ 41-60 anos



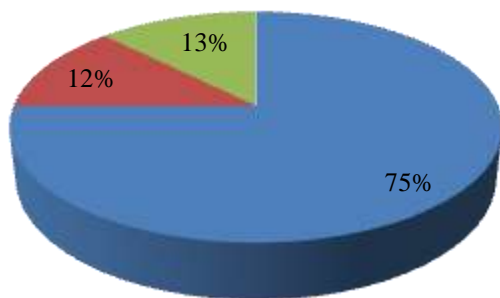


## **Anexo P - Gráfico 2 – Habilitações Literárias dos pais**



## Habilitações Literárias

■ Licenciatura ■ Mestrado ■ Outro (Bacharelato)

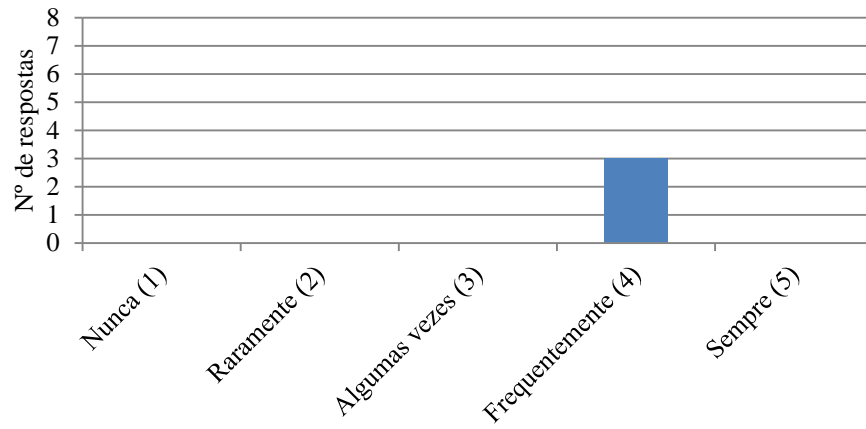




**Anexo Q – Gráfico 3 - Lavagem das mãos depois da ida à casa de banho**



## Depois de ir à casa de banho





## **Anexo R – Gráfico 5 - Lavagem das mãos depois das refeições**



## Depois das refeições

